

# VIDADES

"São os do Norte que veem..." (MANUEL BANDEIRA)

## a Porta de Saída DAS GUERRAS

Luiz Delgado

JANDO a outra guerra acabou, há trinta anos atrás, a humanidade não estava apenas confrontando aquele problema, que é dolorosamente atual, da recomposição do direito dos povos, da tarefa de fazer entender e harmonizarem-se povos que acabavam de empregar todas as suas energias para se destruir e matar.

Houve esse problema, sem dúvida, e o trabalho realizado com o intuito de解决-lo ficou estrado na história em fases que ora foram naias ora desanimadoras e que agora escrivem pouco meticoloso em vane procuram classificá-lo como vasta e enorme inutilidade; ou debatendo torno das reparações, o drama da Liga das Nações e de Wilson; o princípio de segurança que a França defendia, o de desarmamento unificado pelos Estados Unidos, o de equilíbrio das potências continentais desejado pelo Inter-

na. Na verdade, tratou-se, com empenho que não devemos menosprezar, de liquidar

o que foi a guerra e colocar a existência comum dos povos e dos Estados em bu-

tranquila e justa.

Mas, subjcavate a essas questões, no espírito da humanidade, havia outra angústia: pertava-se por todos os lados a vida íntima da povo era satisfatória, correspondia às aspirações dos homens, refletia os ideais de suas ciências. Era uma crise espiritual que devemos esquecer, neste re-alçar das lides públicas, quando mergulham na poeira depois de um curto e sanguinolento esplendor, totalitarismos estatais.

Reportava-se aquela crise a aspectos puramente políticos da vida universal, independente outras inquietações que tinham raízes econômicas. E poder-se-ia definir-lhe dizendo-se que a humanidade estava em dividas sobre a natureza e a benemerência do regime democrático. Um descontentamento já observável em quase toda a literatura da segunda metade do século passado e dos primeiros anos deste século, propagado às massas pelos sofrimentos da guerra. Afinal, os gritos raivosos de Nietzsche contra a igualdade e a paternalidade não haviam quebrado nenhum silêncio respeitoso: haviam, no momento avultado no seio de um rumor científico. Ibsen, por exemplo, — e o exemplo é baseado num dramaturgo porque sua arte reúne um contacto mais direto e sensível com o que, mediante as vãas ou as aplausas das ténias, — Ibsen testemunha muitas coisas descrevendo o indivíduo com os regimes de opinião pública, fundados na decisão de maioriais nobres por interesses.

Depois de 1920, os que éramos, então, apesar de meninos corriam para os mais velhos, incomparavelmente mais sábios e mais astros, — alguns deles, aliás, tão moços ainda que ao estúdio, ativos e idealistas, tornando-se nas pelejas democráticas de hoje, — e elas anotavam o eco de tais repreensões que enraizaram a atmosfera intelectual da Europa, que no clima do tempo.

Foi excessivo tentar expôr aqui as causas que haviam conduzido a tal situação. Talvez, sim, pudessem elas ser sintetizadas no fato de que o movimento democrático possuia, então, se dirigia contra o absolutismo instalado governos, um conteúdo positivo, apresentou sentido substancial: a proclamação constitucional dos direitos do homem, a reparação dos gêneros, a representação popular nas assembleias legislativas — tudo isso servia a um fim prático e evidente, procurava extinguir as monarquias absolutas. Mas, depois de conseguido esse objetivo, não se soube dar à máquina política e trabalhosamente construída um alvo sensível, uma finalidade que os indivíduos e os grupos pudessem apreender facilmente. Havia a técnica, um instrumento, uma forma de governo: não havia um ideal de ação. As condições democráticas eram como se agissem no vazio. E não só as suas deficiências foram andando demais visíveis como também, nessa

desocupação espiritual, os vícios da competição e da astúcia foram ganhando relevo e ascendência.

"Há cem anos", dizia um escritor francês (L. Romier), em 1925, "a democracia não cessa de procurar uma fórmula que justifique logicamente suas inclinações instintivas, iluminando o seu futuro e garantindo a sua segurança. Não a achou. Constantemente oscila entre o humanitarismo, o nacionalismo e o estatismo — e cada avançada num desses rumos é seguida de uma decepção, isto é, de uma reação". Por essa falta de inspiração e de atividade, os sistemas democráticos de governo acabaram, segundo o mesmo autor, numa frase de espírito, por alterar a velha fórmula, substituindo governar é prever por governar é esperar: esperando-se, deixando-se os sucessos seguirem o seu curso, assumem-se apenas responsabilidades negativas sempre difíceis de apurar, e preparam-se os interessados para aceitar no fim, por cansaço e desencanto, qualquer solução, sem muitas exigências... Isto, sem contar que outros problemas podem surgir, afastando para a sombra questões e preocupações que pareciam decisivas e catastróficas.

Poucos livros haverá, escritos entre 1918 e 1930, que, sendo representativos, não demonstram uma equivalente posição de espírito.

A democracia entrou em crise à falta de ideias.

E verdade que uma generosa aspiração começara a crescer na alma humana desde os começos do século XIX: a elevação econômica e social dos pobres, dos trabalhadores manuais. No entanto, depois de Marx, essa aspiração que antes se identificava com o esforço de democracia política, começou a afastar-se dele. Baseando-se nos conceitos de luta de classe e de duração do proletariado, o socialismo que pretendia deixado de ser utópico e começado a ser científico, pôs-se a combater o que há de mais fundamental em toda verdadeira doutrina democrática — o reconhecimento dos direitos do homem, ainda hoje reduzidos a nada na experiência comunista da Rússia onde não há liberdade de partido, liberdade de imprensa nem liberdade de trabalho.

Deve-se uma grande parte do surto do fascismo não a Mussolini nem a Hitler mas à longa doutrinação de violência que o comunismo desenvolveu e que, sendo posta em prática, deixou como entontecidos os defensores dos métodos democráticos de persuasão e votação. Contra os processos de força bruta decorrentes da luta de classes, pareceu que só a força bruta — a negação dos direitos dos adversários, inclusive o direito à vida — era eficaz: nasceria o fascismo.

Recordemos outra circunstância, através de palavras relativamente recentes (1942), do erudi- e ilustre escritor espanhol exilado Augusto Barcia Trelles: "durante a guerra, ficaram no campo de batalha dez milhões de homens, o melhor da geração chamada a dirigir a Europa nos últimos vinte anos. Nas trincheiras abertas desde as dunas da costa belga às montanhas dos Vosges, nas que se cavaram na Itália e nos países balcânicos, nas que iam desde o mar Báltico ao mar Egeu, cestou-se a flor das universidades, das fábricas, dos laboratórios, das fazendas, dos campos, — todos os elementos que deviam receber os ligeiros espirituais legados pelo século XIX ao século XX. Rompeu-se a grande cadeia civilizadora, operou-se uma cisão moral nos domínios da cultura. E quem foi preencher esses claros? Uma juventude chamada preocemente à vida prática, com todas as tarefas de uma educação não somente desculpada senão também — o que é pior — levada a efeito num ambiente de luta feroz, de pugna implacável e de sucessos aterrorizantes. Os meninos de 1914 que, durante quatro anos, não ouviram falar senão de mortes, incêndios, misérias e crueldades, fru-

(Conclui na 2.ª página)

## POEMA



Quando hoje acordei, aí no falso acréscimo  
(En bon a manha ji estivene acordado)  
Cheveia.

Chovia uma triste chuva de ressacações  
Como contraste e contrôlo ao calor temperado  
do norte.

Então me levantei,  
Bebi o café no mesmo preparo,  
Depois me dei a vontade, acendi um cigarro e fiquei pensando...

Humildemente pensando na vida e nas misérias que aí me.

Manuel Bandeira

Dos "10 poemas manuscritos" — Edições Condé



## SUMÁRIO

COLABORAÇÃO de Manuel Bandeira, Luiz Delgado, Estevão Pinto, Mário Melo, Jorge de Lima, Aderval Jurema, Pinto Ferreira, Cristóvão Camargo, Olívio Montenegro, Jorge Abrantes, Luiz Felipe Vieira, Sócrates Times

de Carvalho, José Carlos Cavalcanti Borges, e Jaime Santos.

DESENHOS de Portinari, W. Goeldi, José Pessoa, Luiz Teixeira e Ramírez —

CINEMA — ESPORTES — BIBLIOGRAFIA

# Na Porta De Saída Das Guerras

(Conclusão da 1.ª página)

tos envenenados da violência, entravam, em 1930, a participar da vida com o coração endurecido, a consciência prostituída e a inteligência perturbada".

Tudo isso: o desencanto democrático, a repulsa à mentalidade burguesa, a ligação das brutalidades da guerra, a pregação da luta de classes e da "ação direta" em política — representa o lastro moral destes tempos. Uma mocidade que não pudera adestrar-se devidamente para as tarefas que seria chamada a exercer e crescer sob os choques emotivos da guerra, defrontando a ausência de ideias característica de sua época, ausência constatada e censurada desde muito — julgou que as inclinações para a nobreza e o heroísmo que havia na sua alma só encontravam saída e aplicação nas durezas do autoritarismo e do totalitarismo. Ela entregou-se a um instinto, em vez de procurar uma solução. E ofereceu-se em sacrifício à vontade de chefes absolutos tanto na Rússia quanto na Alemanha, morrendo e matando por eles.

Ora, é dispensável lembrar como, à saída desta outra guerra que acabou há poucos meses, a humanidade vem colocar-se em situação idêntica à que sumariamente ficou descrita.

\*

## NORDESTE

MENSARIO DE CULTURA

Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 346

Sala 33 — 6.º andar

Redator-chefe: Aderbal Jurema  
Gerente: Fernando Barros Lima

Número avulso . . . . . Cr\$ 2,00

Número atrasado . . . . . Cr\$ 4,00

Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independente de critica assinada.  
Solicitamos permuta com as publicações congêneres.

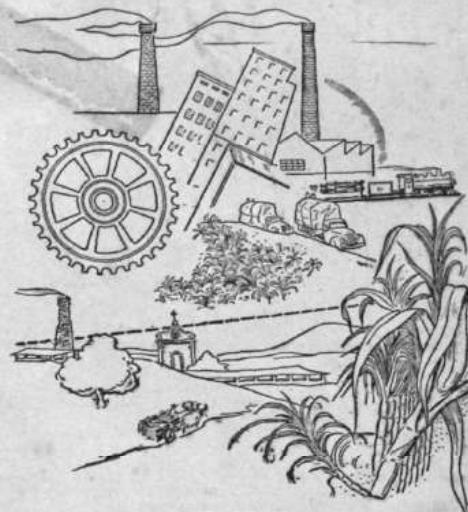
Os sofrimentos desequilibraram de novo a nossa sensibilidade e intimidaram a nossa consciência. Os problemas do futuro, desde a bomba atômica ao imperialismo dos russos, desde a organização universal até o castigo dos criminosos de guerra, desde a necessidade de reerguer as nações que não foram derrotadas apenas mas destruídas, até a urgência de defender o mundo contra as novas conflagrações que elas queiram, no seu ressentimento e na sua ambição, provocar — os problemas do futuro inquietam-nos ainda mais do que nos inquietavam ontem. Apenas uma circunstância mudou muito: a curta e pésada experiência totalitária fez-nos sôfregos da liberdade que desprezavamos em 1920.

Mas, isso mesmo impõe-nos que não nos deixemos levar por impulsos, como aconteceu no período em que, decepcionados da democracia liberal, buscamos as ditaduras. O exagero do princípio da autoridade, que sabíamos necessária, foi um êrro doloroso e tremendo: ele será repetido se não equilibrarmos moral e racionalmente a sede de liberdade que temos hoje. Todo simplismo social é uma fonte de males.

Nenhum exemplo merece, a esse respeito, mais atenção, do que o oferecido, mesmo em sua história mais recente, pela Igreja Católica. Ela não se deixou arrastar pelos entusiasmos excessivos do liberalismo, enquanto corria o séc. passado: muitos corações inflamados chamaram-na, por isso, de retrógrada. Mas, quando os homens se desliaram da liberdade e correram para as ditaduras, ela estava apta a adverti-los com o seu equilíbrio secular e sábio. E apareceu como o refúgio e o asilo das liberdades verdadeiras e essenciais. Proclamou-o Einstein, perseguido: sabemos-lo todos.

Nem chega a ser bastante radical e fundar a liberdade na invocação da dignidade humana — como tanto se faz hoje e, sob certo ponto de vista, com a maior e melhor das razões. Como se deve entender essa dignidade? Ela não há de ser defendida apenas contra as coações vindas do exterior senão também das degradações realizadas no interior. Há de ser defendida contra nós mesmos, inspirando-se incessantemente por algum ideal mais alto do que as nossas fragilidades. A dignidade humana não pode ser, por isso, mais perfeitamente compreendida do que quando é compreendida à luz da idéia da filiação divina e da união da divindade e da humanidade na pessoa de Jesus Cristo.

As novas jornadas democráticas purificam a democracia de velhos erros e compensarão os homens de seus recentes e trágicos sofrimentos, se forem iluminadas e verificadas por algum nobre e operoso ideal — o que não aconteceu quando o mundo saiu da outra guerra. Mas, num regime que presupõe e impõe a liberdade, o governo do homem por si mesmo, esse ideal não pode limitar-se à ordem social: há de ir mais longe e ter um sentido moral e religioso, mostrando à consciência o seu destino em Deus e o seu modelo naquele que se chamou o Caminho, a Verdade e a Vida.



## Crédito e Progresso

O crédito é um grande descortinador de rumos novos. A perfeita compreensão de suas finalidades, consequentemente a sua distribuição honesta e patriótica, visando sempre, acima do egoísmo individual, a necessidade coletiva — torna-o portanto um esteio do bem estar social, uma fonte inesgotável de benefícios para o futuro de um país.

A segura orientação seguida pelo BANCO COMÉRCIO E INDÚSTRIA DE PERNAMBUCO, S/A, nestes dez anos de sua nova e definitiva fase de progresso, — pode ser apreciada como uma identificação total com a vida econômica de Pernambuco, servindo com o mais vivo interesse ao desenvolvimento do nosso comércio, da nossa lavoura e das nossas indústrias.

Esclarecem-nos as admiráveis cifras de seu movimento em traço sempre ascensional, dentre as quais se destacam os Depósitos, numa afirmação de confiança e conceito que não se pode subestimar.

### PÓSTO SÃO GONÇALO

Barros, Wanderley & Cia. Ltda.

RUA DE SÃO GONÇALO N.º 132 — FONE: 2099

Lavagem e Lubrificação

Pecas OPEL

Consertos em geral

Acabamos de montar um elevador automático para a lavagem do seu auto.

\* Marque seu dia e sua hora para uma lubrificação completa no seu carro.

\* Para os afamados carros OPEL temos todas as peças necessárias.

\* Desde o menor parafuso até a mudança completa do cardan.

\* Com todo o cuidado e aperfeiçoamento fazemos o concreto do seu automóvel. Entregamos seu carro em perfeito estado com rapidez e bom preço.

Leite Maltado contém ferro útil ao sangue e fosfato para os nervos e tecidos do corpo.

### Na Sorveteria "AS GALERIAS"

De FIDELIO LAGO

Avenida Marquês de Olinda, 58

Telefone 9314

## Banco Comércio e Indústria de Pernambuco S. A.

CAPITAL E RESERVAS: 20.073.442,30

Avenida Rio Branco, 155 - Recife - Pernambuco

# O inglês Koster NO BRASIL

Estevam PINTO

poucos tempos, Luiz da Câmara Castanho prestou-nos um grande serviço — aduziu e anotou a célebre obra de um autor inglês, que esteve no Nordeste brasileiro começos do século XIX. Trata-se de Koster, singular figura de estrangeiro e enamorado do Brasil.

Uma coisa ainda não está esclarecida em o a Koster. Parece que esse autor nasceu em Portugal, mas era, sem nenhuma dúvida, britânico. Tendo adocido na Inglaterra, veio, a conselho médico, para o Brasil, a princípio, se instalou em Pernambuco, sítio chamado de "Cruz das Almas", da maior parte do seu tempo em excursões arrabaldes da cidade, excursões que, se estenderam às capitâncias da Paraíba, Ará, do Piauí e do Maranhão. Mais tarde, teve oportunidade de conhecer o capitão-

tre os balcões mouriscos do Recife do tempo de João VI. A narrativa de Koster provocou a atenção dos meios literários da Europa, tendo sido logo traduzida em algumas línguas.

Pensava Koster que jamais tornaria ao Brasil, agravando-se, porém, a implacável moléstia, regressou novamente a Pernambuco, onde veio a falecer por volta de 1820.

\* \* \*

Quando Koster aporta ao Recife, num dezembro assolado de 1809, a sua primeira impressão é a de um homem meio atordoado. O forasteiro, ainda atônito do espetáculo, para ele inédito, das jangadas, que deslizam em torno do navio, depara-se com uma cidade por assim dizer oriental. A algazarra dos negros de tan-

vive com os vaqueiros, dos quais nos traz um maravilhoso retrato. Não esquece os lazareiros, os recolhimentos, as rodas de enfeites. Descreve as Várzeas, os taboleiros, as campinas, as praias cheias de cajús e de mangabas. Classifica a população. Observa, enfim, a vida tão estranha dos escravos, — os angolos, os congos, os rebolos, os nocambiques, — achando que governavam elas, entre nós, de mais régalias do que os seus irmãos das colônias britânicas.

Em nenhum momento, Koster demonstrou o menor desprêzo em relação aos nossos costumes, o menor desdém em relação à nossa gente. Pelo contrário. Dormia em rede. Usava face-de-ponta. Servia de padrinho aos meninos pobres. Seu próprio nome foi, em breve, apontado, — era ele o Henrique da Costa, tal qual John Whithall ficou conhecido, em Santos, pelo nome de João Leitão. Seu prestígio, entre nós, era tão grande que foi escolhido, pelos revolucionários de 17, como parlamentário para tratar da capitulação do Recife junto ao comandante do blocoio real. Não duvido mesmo que Koster acabasse usando as chinelas e o chambra do capitão-mor, se tivesse vivido alguns anos mais no Brasil.

Ao tempo de Koster, o inglês ainda era, para nós, uma espécie de animal meio estranho. No interior, sobretudo, quando Koster falava, cercavam-no logo numerosas pessoas espantadas.

“Fala a língua dos negros” (diziam). — Mas logo se fez sentir a influência dos estrangeiros. As damas brasileiras já começavam a passear a pé, durante a tarde, segundo o exemplo das inglesas e, como elas, vestindo-se de musselinas e outros tecidos leves. Também já se começava a usar o chá da Índia, que, até então, só se vendia nas farmácias. Foram os ingleses que modernizaram, no Brasil, a técnica do transporte. Devia ser também inglês esse Tomás Sayl, o qual, por volta de 1810, inaugurou no Recife os primeiros omnibus do tipo, que os franceses chamam de impériale. Não é sem razão que o Vocabulário Pernambucano de Pereira da Costa registra o termo “ingleses”, isto é, maquinárias, inventos, instrumentos, depois corrompido em “ingrissas”, agora com o sentido de complicações, de trapalhada, de barulho.

Onde foi enterrado Koster, é o que não conseguimos saber. Se foi sepultado no velho cemitério inglês de Santo Amaro, sua lousa foi retirada e já não existe. É possível que alguns dos seus numerosos amigos e compatriotas tivesse tido a ideia de transportar os restos mortais do inglês para Londres. Pelo menos, tal pensamento passou pela cabeça do velho capitão do brigue, no qual Koster fizera uma das suas viagens de ultramar, — isso no momento em que correu a notícia de que o mesmo estava às portas da morte.

O processo era dos mais primitivos e simples: fazer o cadáver viajar em um tonel de rum. E o velho capitão chegou a mostrar a Koster o tonel sinistro, dizendo-lhe, como quem se quer desculpar: — “Julga você que eu o abandonaria nessa terra, em meio de um povo que não lhe quereria dar sepultura cristã”?

Na lousa de Koster, o fiel Koster, o bom e honesto Koster, caberia bem o seguinte epitólio: “Amo o lugar onde tanto vivi”, — palavras que ele escreveu logo no primeiro capítulo do seu livro.



VENDA E RECIFE

(Do livro de Maurice Rugendas "Voyage Pittoresque dans le Brésil")

de Bom Jardim. Essa amizade proporcionou-lhe, então, o ensejo de visitar os sertões Nordeste.

Em princípios de 1812, de volta de sua viagem ao interior, Koster instalou-se no engenho Guaribe, que abandonou, um ano depois, para regressar, em Itamaracá, à cultura da cana-cúcar. Tal vida alegre também não teria durado muito tempo, porque, em 1815, se viu passo plantador de canas na contingência de emigrar à Inglaterra.

Em Londres, Koster escreveu e publicou, em 1816, seu trabalho — “Travels in Brazil”, dando ao historiador e também poeta laureadoert Southey. O volume vinha acompanhado algumas estampas coloridas, sendo a mais célebre delas a que nos mostra uma dama da roça, passeando, em seu palanquim, por en-

ga. O pregão dos vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas festas religiosas, os nossos costumes familiares, as nossas instituições econômicas, — tudo é objeto de sua incansável curiosidade. Visita as fazendas de gado e con-

ta com os vendedores de frutas. As cadeirinhas de braço. Os chafarizes. As senzalas. Os sobrados de azulejos. As janelas de balcão, com as suas gelosias misteriosamente fechadas.

Mas, logo que o estrangeiro se vai habituado à nova paisagem, então sucede a esse estonamento a mais sófrega curiosidade. Curiosidade pela gente e pelas coisas da nova terra. Daí em diante, Koster, de tanto andar acima e abaixo, quase que virava um cígano.

A narrativa deixada por Koster representa o documento talvez mais importante — até hoje conhecido — para o estudo da vida social do Nordeste. As nossas fest

**A CONSCIÊNCIA** burguesa desenvolveu-se dentro do *laissez-faire* em todos os sentidos. A concepção individualista do *laissez-faire* exigia um Estado neutral em relação às atividades do indivíduo na sociedade. As grandes invenções, os descobrimentos, a Reforma e o Renascimento marcaram o início da consciência burguesa em plena atividade em todos os planos da sociedade. Deante dessa nova técnica de vida, a consciência feudal sucumbiu na Revolução Francesa decapitada simbolicamente em praça pública. Mas não se destrouem totalmente, mas profundezas da alma humana, todos os pequenos hábitos que formam uma consciência histórica. E as sobrevivências mal assimiladas pelo cidadão republicano provocaram as contra-marchas napoleônicas que de um fenômeno francês se transformaram num caso europeu e também mundial. Não só a estrutura econômica, mas também a social do novo regime conseguiram, por fim, a vitória do capitalismo industrial que era uma fase organicamente histórica dos povos europeus com novas contingentes e desbravar, nova técnica de produção, novas concepções políticas e novas atitudes espirituais.

O signo da época individualista era a liberdade sem restrições de espécie alguma. E, à medida que o mundo crescia desordenadamente, o regime se tornava irresponsável pela confusão de seu idealismo. Chocavam-se os homens no terreno prático da vida embora estivessem de acordo no terreno abstrato das ideias. Neste choque, Marx apoiou a sua crítica das contradições íntimas do capitalismo puro, porque, como observou o autor d'*"O Capital"*, a economia capitalista criou um novo servo: — o proletariado. A produção livre ia aumentando num ritmo catastrófico, sem encontrar correspondência com o poder aquisitivo dos que a produziam. Bem da estrutura econômica, mas também a social do novo regime conseguiram, por fim, a vitória do capitalismo industrial que era uma fase organicamente histórica dos povos europeus com novas contingentes e desbravar, nova técnica de produção, novas concepções políticas e novas atitudes espirituais.

O signo da época individualista era a liberdade sem restrições de espécie alguma. E, à medida que o mundo crescia desordenadamente, o regime se tornava irresponsável pela confusão de seu idealismo. Chocavam-se os homens no terreno prático da vida embora estivessem de acordo no terreno abstrato das ideias. Neste choque, Marx apoiou a sua crítica das contradições íntimas do capitalismo puro, porque, como observou o autor d'*"O Capital"*, a economia capitalista criou um novo servo: — o proletariado. A produção livre ia aumentando num ritmo catastrófico, sem encontrar correspondência com o poder aquisitivo dos que a produziam. Bem da estrutura econômica, mas também a social do novo regime conseguiram, por fim, a vitória do capitalismo industrial que era uma fase organicamente histórica dos povos europeus com novas contingentes e desbravar, nova técnica de produção, novas concepções políticas e novas atitudes espirituais.

Quando o capitalismo individualista dos economistas clássicos tornou-se irresponsável pelas suas operações, as massas proletárias reagiram e a classe média apavorou-se. A luta generalizou-se aguda entre os que produziam e os que distribuíam a produção. Toda vez que o Estado se sentia ameaçado pelas contradições básicas do regime e tentava interferir, reagiam acerbamente os teóricos do *laissez-faire* em nome das liberdades individualistas, legado da Revolução Francesa. Com a Grande Guerra, no entanto, deu-se a rotura do primeiro elo da cadeia com a vitória de um proletariado na Rússia. E as consequências sociais e literárias desse após-guerra foram muitas consequências econômicas e psicológicas da vitória do Partido Comunista russo do que do próprio fenômeno guerrero. Com a queda do Czar e do regime feudal-burguês russo, deslocou-se o eixo de interesse da Europa central para a parte oriental. Pela primeira vez o *laissez-faire* fôrte ferido mortalmente. Os teóricos cruzaram os braços desanimados, mas os homens espertos, de que nos fala Mannheim, distenderam os músculos e tentaram a economia dirigida. Dirigida no sentido de salvar a ordem social vigente e não no sentido de aplacar as desigualdades sociais e econômicas existentes. O Estado foi-se tornando forte a ponto de cristalizar não só a economia, mas todas as manifestações sócio-culturais. Já não se tratava mais de liberdade e sim de manter os privilégios de meia-dúzia de homens, privilegios adquiridos com a neutralidade desse mesmo Estado que agora chamava a si a responsabilidade de conservá-los. Operou-se a concentração do governo e da administração. Concentração material e espiritual através dos monopólios estatais e do telefone, telegógrafo, rádio, imprensa, ferro-carril, automóvel, indicada por Kari Mannheim em seu livro recentíssimo: "Diagnóstico de Nuestro Tiempo". Através do controle das técnicas sociais tentou-se, pela força, disciplinar a economia e paralisar as irresponsabilidades do *laissez-faire*. Nasceu, assim, o Estado Totalitário, que não era um Estado planejado como querem alguns críticos do nosso tempo, mas um plano de centralização em benefício de poucos. Nego aos Estados totalitários da Alemanha e da Itália a sua essência planejadora, embora Mannheim e Laski admitem dois tipos de planejamento, a boa e a má, classificação que, como se vê, fica no domínio ético. Mas isso será outra história que nós abordaremos mais adiante. Diz, por exemplo, Mannheim que "deve se fazer uma distinção entre a planejamento como instrumento da conformidade e a planejamento como instrumento da liberdade e da variedade". (Iv. cit. pg. 18). Esta será uma diferença, em certo sentido, da planejamento consentida e constitucional e da comunista por intermédio de uma ditadura do proletariado e nunca em relação aos Estados totalitários ou fascistas.

#### Estados Totalitários

O prof. R. MacIver, em sua tese sobre "Leviathan an the people", apresentada à Louisiana University, depois de traçar um magistral capítulo intitulado "Fim do *Laissez Faire*", acredita que o problema essencial do capitalismo moderno está em superar as repercuções psicológicas e políticas produzidas nos períodos de crises agudas, com uma solução puramente técnica. Problema que, segundo MacIver, envolve "não só um sistema político-econômico", (Iv. cit. pg. 106).

O fascismo tentou, por uma centralização rígida, acabar com as crises entre o capital e o trabalho, servindo-se, para isso, de um aparelhamento bélico formidável. Desapareceu, com a doutrina totalitária, doutrina da imprevisibilidade política, o espírito orgânico, a alma do capitalismo que era o *laissez-faire*. Em seu lugar colocou-se o monstro do Estado, no apelido de MacIver, que pelo emprego da força brutal das técnicas sociais, referidas por Mannheim, dispôs das classes sociais, simplificando e abafando, nos campos de concentração e nos fusilamentos coletivos, os seus antagonismos e as suas reivindicações.

# Democracia e Planificação

Aderbal Jurema

Realizou o fascismo o que se pode chamar de um entendimento compulsório entre os trabalhadores e os capitalistas. Criou, na vazio ideológico de sua maneira de agir, a mistica nacional do Estado Forte e outras misticas de raça e de religião, mais ou menos desenvolvidas de acordo com as tradições de cada país onde a monstruosidade fascista se instalava. A cidade da cultura do século XIX transformou-se na taba rude de um Estado que se mantinha gracas aos meios técnicos de que dispunha uma polícia super-alimentada pelos que tentaram parar a dinâmica social. Ao invés de o homem dominar a máquina, o Estado totalitário partiu do princípio de que a máquina é que determina a vida do homem. Deu-se, por isso mesmo, a tremenda inversão dos valores humanos, o endeusamento da máquina e a materialização do homem. E é este fenômeno que revela até nos fatos mais conhecidos desta última guerra em que a vida do homem, por parte dos Estados totalitários, perdeu completamente o seu valor cristão ou simplesmente humano, com os aviões suicidas, no Japão, e as bombas voadoras, na Alemanha. Nos aviões suicidas, o homem era uma coisa secundária, o que valia era o objetivo a alcançar. Na bomba voadora, nem os homens precisavam, era a máquina valendo por si só.

O conhecido líder trabalhista inglês Harold J. Laski, em "Reflexões sobre a revolução de nosso tempo", aceita, em parte, a crítica marxista ao Estado Totalitário de caráter reconhecidamente fascista. Os marxistas partem da decadência a que chegou o regime capitalista, por não poder resolver a crise entre a produção e o poder aquisitivo das massas, e do conchego que o fascismo é o último recurso para manter um estado de coisas em confusão e decadência. Recurso que elas spontâneamente drástico pela compressão das liberdades públicas que informam, em última análise, a democracia burguesa na época de seu esplendor.

A medida que foram crescendo as suas contradições e aumentando o número do proletariado consciente, herdeiro, como elas afirmam, da cultura burguesa, o Estado neutral e liberal foi-se transformando num Estado participante da luta e como o Estado, dialeticamente, é a superestrutura da classe dominante teria que ser um Estado interessado em defender os privilégios dessa mesma classe. Não só defender, como tentar esmagar toda possibilidade de alteração no *status quo* social, econômico e político, mesmo com sacrifício do seu conteúdo ideológico, que era a livre concorrência, a liberdade de comércio e de circulação do pensamento. Harold Laski sugere, no entanto, que a crítica marxista não abrangeu completamente a questão, no que, aliás, está de acordo com Rudolf Rocker na apreciação que este faz aos vários nacionalismos na sua obra "Nacionalismo e Cultura", traduzida diretamente do alemão. Um outro alemão, Bernhard Groethuysen, estando "A formação da consciência burguesa durante o século XVIII", na França, sugere que o fascismo é, em verdade, produto do estado laico, do burguês materialista e ateu que perdeu a noção cristã do trabalho. Todos estes publicistas e mais alguns outros de várias correntes democráticas estão, no entanto, de acordo em que o Estado fascista não resolve a crise do capitalismo. O que consegue, em última análise, é uma espécie de estacionamento de todas as fontes da vida e da cultura. Estacionamento bárbaro e anti-humano que se mantinha na força e pela força foi preciso destruí-lo. Não vai, nesta minha afirmativa, a idéia de que o fascismo já possa ser considerado um caso liquidado. Antes, pelo contrário, se materialmente está extinto, o perigo de sua sobrevivência e revivência continua vivo se não tivermos serenidade e coragem para retomarmos a linha de uma democracia militar, capaz de superar e coordenar as várias correntes honestas do pensamento que desejam abrir uma larga avenida de paz e de justiça social para o povo da humanidade.

#### Planejamento comunista e planejamento democrático

Eis, sem medo das palavras e dos assuntos, as duas pontes que se oferecem à humanidade para conseguir atravessar o abismo cavado pelos Estados Totalitários.

Antes de mais nada, é preciso salientar a importância histórica que possui a Revolução Russa, importância só comparável à Revolução Francesa para a idade contemporânea. Tendo pensado, principalmente nas minhas aulas de História da Civilização, não na igualdade de processos, mas nas semelhanças que permitem um estudo comparativo entre as consequências

políticas e sociais destas duas grandes revoluções da humanidade. Embora o tempo decorrido ainda não ofereça garantia para uma dedução sociológica rica de fatos históricos, já podemos avançar, sem receios ou vaidades intelectuais disfarçadas e gatinhantes, no terreno severo das afirmações, que a revolução de que precisava o proletariado foi feita pela guerra. (v. meu artigo "Idéias e Partidos" — JORNAL DO COMÉRCIO — 7-10-1945). Da mesma maneira que, depois da proclamação sangrenta da Revolução Francesa em República, os países da América realizaram a queda de suas monarquias e seus feudais com paradas militares, onde o vermelho brilhava nas ruas, não nas sargatas e nas barricadas, mas no barrete frigido dos oradores populares que concitavam o povo a se governar a si mesmo.

Depois da grande revolução republicana e liberal, que foi a francesa, quale foram outros povos que tiveram de pagar na mesma moeda quando substituíram os regimes feudais-monárquicos por republicanos-liberais-industriais?

No entanto, todos os Estados do mundo são, na realidade, Repúblicas e mesmo quando guardam o arcoabuso tradicional da monarquia, como no caso da Inglaterra, o seu espírito é fundamentalmente republicano e liberal. Peculiaridades nacionais que influem para a escolha dos palcos grandiosos dessas duas revoluções que abalaram o mundo. Depois a sua influência, as suas consequências vão sendo adaptadas pelo espírito humano variando nos diversos continentes e países. O mesmo se vem dando, muito recentemente, com a experiência socialista da União Soviética em relação à revolução permanente de Trotsky que se revelou, sobretudo, um grande idealista e um péssimo sociólogo. A revolução em Trotsky era lama que não se apaga nunca, como em Robespierre, lama tão ardente e arbitrária que terminou por devorar a ambos.

Em 1917, os comunistas com Lenin à frente, tinham a certeza, deante do mundo que os cercava, de que o capitalismo só desapareceria da face da terra com a tomada do poder pelo proletariado e de que o somente o proletariado, dirigido pelo Partido Comunista, numa ditadura integral, poderia anular as classes sociais para criar, no futuro, uma sociedade sem classes, pelo menos no terreno das diferenças econômicas e culturais, já que nunca foram bastantes claros a respeito das variedades psicológicas do homem, variedades tão profundamente esquadrinhadas por outro russo de gênio — Dostoevsky.

Passaram-se os anos da segregação da União Soviética e veio outra guerra, guerra em que os dirigentes do sistema capitalista concentrado encontraram a maior reação dentro das próprias formas democráticas do capitalismo em crise. E, o esperado por uns e nunca prevista por outros, se deu. — As democracias chamadas capitalistas, pelo seu sistema de produção, distribuição e consumo, tiveram na ditadura do proletariado russo o seu grande aliado. (Nesta altura não se deve esquecer a realização socialista do Estado mexicano e nem tampouco a miniatura coletivista da República do Uruguai). Ambos, sem iuntas comparáveis aos sangrentos "dez dias que abalaram o mundo", embora com antipáticas lutas religiosas, veem realizando a planejamento progressista de seu povo.

No alvorecer da vitória aliada os cáticos aos heróis se misturam com preces a Deus para nos indicar o rumo certo e seguro do apôs-guerra. A própria Rússia parece ter de compreendido que a sua missão transladou-se do terreno diretamente interessado das agitações internacionais para o terreno do exemplo histórico. Essa, talvez, a significação mais aguda do desaparecimento da 3.ª Internacional, significação que nós sugerimos, embora os seus autores tenham pensado, sem dúvida, numa manobra de diplomacia e de política.

A última guerra trouxe, em carne viva, para o povo dominado pelo fascismo, a consciência do seu valor e a exata compreensão do que significava o desaparecimento da democracia, mesmo no seu sentido formal como foi a burguesia até 1939. Durante os anos de guerra, os povos de países como a França, a Inglaterra e, principalmente, os Estados Unidos da América do Norte, verificaram ser possível disciplinar e dar uma orientação ao esforço coletivo sem sacrificar profundamente as liberdades individuais. E se isso foi possível num estado de emergência muito melhor se poderá fazer num estado de serenidade e de paz. Daí, no meu ver, terem cedido os métodos soviéticos da revolução proletária que estão sendo substituídos, com uma grande vantagem para a nossa formação latina, pela participação direta do povo através da democracia. Democracia nem bur-

gueira e nem proletária, por quanto o an. futuro, graças à interdependência econômica cultural, não será um mundo de antagonos de classes e de raças e nem tampouco da dura de uma classe. Será um mundo de participação democrática de todas as classes sentindo funcional em relação ao domínio e cultural dos bens da terra, e o sentido capitalista da seleção pelos monopólios matemáticamente organizados numa matemática sem fim que nos lembra simbolo de uma periódica.

Nunca, como agora, a sugestão do psc. William James, de que o problema da sociedade moderna está em encontrar um substituto real para a guerra, se tornou tão premente. Numa democracia que marcha ou deve marchar para a planejamento, a fim de que se tem as revoluções sangrentas, há necessidade "um propósito unificador que opere tão intensamente como a guerra, é que estimule, sempre, o sentido de um inimigo, o espírito de aliança e de sacrifício em grande escala". (K. Mannheim — liv. cit. pg. 56).

#### Democracia planejadora e Cristianismo

O antagonismo filosófico entre a concepção materialista histórica e a concepção mundo cristão é uma realidade de todos os dias. Mas, da mesma maneira que o Cristianismo se absteve de participar organicamente da injustiça do regime capitalista, como quando se encerraram no entanto, as encilhas papais atualmente ele não pode deixar de partilhar o destino do mundo porque é o seu próprio timo.

Karl Mannheim, um dos teóricos da planejação social, autor de um admirável ensaio "Liberdade e Planejamento", trouxe, com sua autoridade de sociólogo e de filósofo seu último trabalho "Diagnósticos de Nuestro Tiempo", um capítulo de exposição de uma ciedade planejada onde procura mostrar que são incompatíveis com a democracia planejada os dogmas e concepções da Igreja. Alguns corifeus do Cristianismo se acomodaram a uma ordem econômica, social e política de lamentáveis e injustas atitudes morais, a Igreja, pela voz autorizada de seus Papas e de seus teólogos e filósofos, tem autoridade para tornar parte saliente na direção espiritual de uma democracia planejada. Mente aos ensinamentos de Cristo quem queira ser um bom cristão sua vida privada e suas relações pessoais sem se preocupar muito com a ordem social política em que vive. Esta era uma atitude decorrente do liberalismo que deu em resultado o oposto, na sua afirmação mais bárbara, o Hitlerismo alemão. Por isso Karl Mannheim é de opinião que "hoje mais do que nunca uma questão de consciência para todos as Igrejas que se ponham a prova, a luz dos valores cristãos, os princípios básicos da organização social". (Liv. cit. pg. 177). Jacques Maritain, em "Cristianismo e Democracia", condene o regime democrático capitalista, chamando-o de democracia do dinheiro, e diz textualmente: "pende do supremo esforço da liberdade humana, na luta mortal em que está empenhada a que a idade em que entramos não seja a das massas e das inúmeras multidões alimadas, oprimidas e levadas ao matadouro por deuses infames, senão a idade do povo e do homem da humanidade comum, — cidadão e herdeiro da comunidade civilizada, — conselheiro da dignidade da pessoa humana em si mesmo, construtor de um mundo mais humano orientado para um ideal histórico de fraternidade humana". (pg. 144).

E preciso, portanto, encarar a planejação social como uma planejamento para a liberdade e a revalorização da pessoa humana. Tudo resumiria em mudar o curso do raciocínio um bom burguês quando volta, à tardinha, no seu automóvel macio, sem o perigo de bodes saltando fora dos trilhos ou a impala das filas intermináveis: "é preciso de meu automóvel e meu lar nem que seja a alegria". Porque ele não raciocina assim: "que poderíamos acabar com essas ameaças nôas trazendo um plano para que todos dessem ter um automóvel e um lar". O cristianismo sistematicamente responderia, sem dúvida, o pensamento do bom burguês só pode ser o meiro, pois representa uma superestrutura infraestrutura econômica etc., etc. Mas o Cristo enviou as suas mensagens em rabilas foli porque Ele sabia das eternas suas verdades. Bem que elas hoje estão e que poderão encontrar, numa sociedade planejada, a avenida livre de seu trânsito saudoso e eterno.

**D**R. Matias (Aparelho digestivo e anexos) fala em Caruaru.  
— O sr. acha mesmo, doutor, que a mu-  
danca me fazia bem?  
— É um clima de montanha, pois não; man-  
tendo lá mais ou menos a dieta, não desprezan-  
do os medicamentos.  
— Mas o senhor recomenda, mesmo?  
— Pois não, pois não.  
— Recomenda?

Pensava na gravidez de Maria Letícia — o  
primeiro filho, no quarto mês; saiam para o in-  
terior, se afastavam dos parentes, que serviam  
sabado, logo num tempo em que papai, pro-  
movido na repartição, cheio de trabalhos novos,

Mas a mulher estava pronta:

Mas a mulher estava pronta:  
— Pra demorar muito?  
— Uns trinta dias.  
— ora, mesmo que fosse mais, você não  
precisa?

Faria bem, papai, faria?

Os médicos são quem sabe, meu filho...

A partida ficou para sábado; em três dias,

na certa, terminava uns negócios.

Sábado estava bom, não estava? Papai  
ficava vigiando a casa fechada? — “sim”;  
olhe, passava todos os dias por lá? — “sim,  
sim”; — dava uma vista nos livros, algum rato  
não vieste? — “sim”; — uma vista no jardim,  
na eriada pra não deixar as teias de aranha to-  
mar conta? — “sim”...

Maria Letícia amanheceu o sábado resfria-  
da; só a garganta seca, podiam ir.

Viagem de trem, você assim, minha fi-  
lha?...

Tomo um comprimido, melhoro.  
— E a poeira?  
— Com tanta chuva!...

“Papai:  
Maria Letícia sentiu-se adoentada. Julguei  
mais acertado não seguirmos.

Apareça, para conversarmos.  
Marcelino”.

Consultou Moreira Ramos, mais um amigo  
que médico:  
— Dr. Matias me aconselhou, você crê que  
serve?

— Sim, por que não? Depois, seriam umas  
férias forçadas pra você; você dormia as noites  
todas e não estudava; lhas coisas ligeiras, an-  
dava a pé. Conhece Caruaru? Você gosta.

— Faz um mês que eu estava mesmo de  
partida, sabe? Não fui por causa de Maria  
Letícia. Até eu sempre tive vontade de passar  
um tempo em Caruaru, todo mundo me fala  
bem.

— Eu vou, sempre que posso.  
— Pois eu vou. Em junho. Em junho,  
tem S. João, eu vou.

— Se você não tivesse dinheiro, estava que-  
rendo ir.  
— O, minha mulher, e não estou que-  
rendo?

— Mas não precisa.  
— O, não precisa?! Vai servir tanto à  
minha colite — os médicos não dizem?

— Então vamos.

— Vamos.  
Era junho. Ficou só no gabinete, tomou a  
nota interrompida. Reviu os livros em ordem,  
nas estantes; ali podia trabalhar confortavelmen-  
te. Desceu — também na sala de jantar tudo  
quieto, morno, manso. Dava voltas sem desti-  
no pela sala — a sala, que acomchego. Acedia-  
se, estava se ascendendo, por encanto, no espírito,  
a solução do caso Simões; parou, a solução  
crescia com toda clareza. Como é que não ti-  
nha imaginado antes aquela maneira de vencer  
o caso?... Pronto, queria ao juiz a citação  
no último dia de prazo! Mendes — inteligência  
de rábula — não desconfiava, acreditava a cau-  
sa de Simões ganha; então, no último dia do  
prazo, pronto, entrava com o pedido de citação;  
não havia tempo de Mendes preparar as teste-  
múrias, de interpor qualquer objeção; o juiz ti-  
nha que deferir.

Subiu, sentou-se à mesa revolvida, riscou a  
nota, aumentou, rabiscou, bateu na máquina.

— Maria Letícia:  
A petição surgiu de um jato, sem esforço.  
— Então vamos, não é, filha?

Depois foi o bilhete:  
“Papai:

Faça geito de passar por aqui, quando voltar  
da cidade.

Quero ouvi-lo sobre a solução que penso pa-  
ra o caso Simões.

Marcelino”.

No guarda-roupa cheirando a sândalo, as  
duas pilhas de roupinhias arrumadas, revistas —  
quanta vezas revistas: seis camisetas de linho  
côr de rosa, seis azuis, seis brancas, a mesma  
renda creme, tão fina, em todas, presente de  
tia Mirandolina; em baixo, vestidinhos de man-  
ga comprida, para quando tivesse dois meses  
(menina? menino?) e não fosse dia de sol; mais  
sóis, de seda, para os passeios...

— Dona Letícia!  
— Já vou.

Dava pena deixar o guarda-roupa p'ra cui-  
dar do almoço.

# INCERTO

## José Carlos Cavalcanti Borges

Quanto mais se tivessem ido, mesmo, para  
o interior, Marcelino precisava, mas não po-  
dia sair, não, ele tinha razão, ele tinha vontade,  
tinha necessidade de ir, as despesas não faziam  
falta, graças a Deus, mas um advogado novo.  
Ele tinha razão, um advogado novo, p'ra estar  
se afastando... Verdade — que ele já estava fe-  
to, tinha nome... E podia vir trabalhar quan-  
do precisasse, Caruaru a duas horas de auto,  
trem todo dia.

— Dona Letícia!

Quando Maria Letícia ficava, assim, um  
tempo, em pé, sentia dificuldade em recomendar  
a andar.

Encontrou Moreira Ramos na rua:  
— Então, de volta? Como deixou Caruaru?  
Mais gordo.  
— Não, de volta, não. Continuo com o  
projeto.  
— Ainda?  
— Pois é. Logo que o menino nascer.  
— Pra quando?  
— Una dois meses.  
— Lembranças?  
— Escute. A águas lá, pode-se ter confi-  
ança?  
— Pode-se. Vá tranquilo. Adeus.  
— As casas são saneadas, o hotel?  
— São, homem.  
— Boa lux?  
— Boa lux. Adeus, Marcelino velho.  
— Adeus.

Qual inteligência de rábula, qual nada! Men-

des fez uma contra-ofensiva, pressentiu o que  
ele se passar, tomou uma decisão desmanteleante.  
Marcelino meteu-se nos livros, faltou até à audi-  
ência de outro caso — diabo de rábula, chics-  
nista!...

Pelo fim da semana — foi, mesmo, um tra-  
balhão — estavam prontas as minutas todas, co-  
piadas na íntegra as citações.

Mas quando relia os conjuntos, não se su-  
stifazia; revia; devia ser agudo justamente, não  
tinha objeção; e não se agradava.

As opiniões dos autores, concordes, alinha-  
das, os comentários desenvolvidos... Que era  
que faltava, que era?

Buscou o tratadista mais velho, quasi es-  
quecido, encontrou-lhe o pensamento, também  
sem discrepância. Relia, a convicção sem apa-  
recer. Seria alguma contradição que não des-  
cobria por detrás de tantas palavras? Que não  
describia, adivinhando?

Alguma afirmação mais forte a concluir dos  
autores? Devia empregar linguagem mais  
branca?...

Tinha nada não: mais tarde mostrava a pa-  
pai e ele dizia com certeza, claramente, segura-  
mente, o que achava, pois não era?...

Já Marcelino se aquietava, tinha nada não,  
já estava mais firme; embora papai não enten-  
desse bem as iels, nem as questões, mostrava e  
ele dizia o que achava, pois não era?... Papai  
dizia...

Foi menina: trez quilos e seiscentas gra-  
mas, sem cabelo, alvinha, dormia, dormia. Diva  
Batisou-se ainda na Maternidade, Maria Letícia  
pediu na última hora do batizado que ficasse  
Diva Maria.

Marcelino se chegava p'ra junto do berço  
com cautela:  
— Diva Maria, ei?...  
A garotinha dormindo.  
— Ela, Diva Maria, acorde — ciciava.  
Quero lhe mostrar vóvô...  
Puxava o pai:  
— Olhe vóvô, olhe, tome a bênção...  
O velhote sorria, Maria Letícia sorria.

A partida se perdeu, definitivamente, para  
o Mendes, no caso Simões. O juiz escreveu  
um despacho que foi elegido. Nas entreli-  
nas até os colegas divulgavam referências am-  
adoras ao modo como Marcelino tinha condu-  
zido a questão.

Mas, sem se poder explicar, Diva Maria,  
com três meses, adoeceu: febre, vômitos, em-  
greendo a oídos vistos; chorava a noite inteira.  
O pai chamou dois médicos, Maria Letícia fez  
premessa de missa a Santa Teresinha do Me-  
nímo Jesus.

— Divinha, psiu... — de vez em quando  
queriam ver se a garotinha achava graca.

Dr. Tobias Lima prescreveu, por fim, clima  
de montanha:

— Concorrerá, prontamente, para a cura.  
— Que lugar, doutor?  
— Caruaru, por exemplo.

— Acha bom?  
— Caruaru tem outros recursos de cidade,  
por isso me lembrei.

— O senhor recomenda, acredita que serve?

— Acredito, recomendo.

— E o hotel, lá? E as casas? E...

O olhar de Maria Letícia suspeve a importan-  
çaõ.

Desde que tinham chegado à estação (o  
trem partia às 4 e dez). Marcelino procurava seu  
Manuel; tinha trazido no carro os volumes me-  
nores; a maior maleta, com os agasalhos e a  
roupa de cama de Diva Maria — seu Manuel  
carregara na cabeça muito antes, para estar  
cedo, no vagão, arranjar lugar a salvo da en-  
chente da hora da saída. Seu Manuel tinha  
sido salvo das duas de casa e nada!

(Continua na página 18)



# A DEMOCRACIA SOCIALISTA

Pinto Ferreira

1. A teoria do determinismo histórico de Marx. — Na história do homem, jamais deixou de existir uma complementação harmônica e recíproca das instituições sociais. A superestrutura ideológica de um povo é sempre condicionada pela sua infraestrutura econômica e produtiva, resultado de uma técnica e de uma ciência, como a grande força explosiva da evolução social.

A teoria do determinismo histórico, fino lavor da cerebração genial de Marx, veio comprovar a atuação poderosa das relações materiais de produção e da técnica de trabalho na formação das instituições políticas e culturais.

Em frase lapidária, ele acentuou na sua "Zur Kritik der Politischen Ökonomie", que a consciência do homem não forma a sua existência social, mas a própria existência social é que modela a sua consciência (1). O homem não constitui nenhuma abstração, é ao contrário o produtor das suas relações sociais (das menschlichen Wesen ist kein Austrakt. In seiner Wirklichkeit ist es das Ensemble der gesellschaftlichen Verhältnisse). A própria religião seria mesmo um produto da sociedade (das religiöse Geist, selbst in gesellschaftlichen Produkt ist).

Dai a sua conceituação célebre: "Na formação social da sua vida, os homens são ligados por certas relações indispensáveis, independentes da vontade deles, reações de produção (Produktionsverhältnisse), que correspondem a um determinado grau da evolução das suas forças produtivas materiais. O conjunto das relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, o fundamento real sobre o qual se eleva a superestrutura jurídica e política".

O processo da produção social é o ajustamento da comunidade à realidade natural objetiva, onde ela busca o material assimilável necessário às suas necessidades (2). Não é, entretanto, o único fator determinante da evolução social, porém tão só o seu elemento preponderante, que exerce uma influência fundamental na modelação da estrutura social. Como resumiu de uma maneira cintilante o grande mestre do socialismo, Fr. Engels, há numerosas forças que se entrecruzam, uma série infinita de um paralelograma de forças, que conduzem a um resultado... o acontecimento histórico.

É as ciências essas do determinismo histórico de Marx, em confronto com os princípios sociológicos atualmente aceitos, o que expõe, Ogburn, Sorokin, Pareto, Max Weber, Guthrie, demonstram o conteúdo essa multiplicidade de fatos interfluindo na realização do acontecimento histórico, para cuja precipitação social é relevante a infraestrutura econômica. Esse condicionamento ontológico das relações materiais de produção teria a sua força motriz no antagonismo das classes econômicas, conforme o famoso "Manifest der Kommunistischen Partei" de Marx-Engels, de que a história de toda a sociedade é a história das lutas de classes: "Die Geschichte aller bisherigen Gesellschaft ist die Geschichte von Klassenkämpfen".

A sociologia epistemológica contemporânea, com Max Scheler, Mannheim, Sorokin, realizaram a corrigenda científica a esse último ponto do pensamento marxista, e acentuando uma correlação funcional (functional relationship) entre forças produtivas e cultura ideológica, elaura a idéia de uma cultura integrada (integrate culture), de complementação recíproca de todas as forças sociais. (3)

2. A formação histórica da democracia. — A democracia nasceu com a revolução. O Estado primitivo, quando surgiu historicamente, foi um instrumento de dominação de classes sociais privilegiadas, que exploravam e esmagavam a totalidade orgânica do povo.

O domínio dos meios de produção, por essas classes que monopolizavam a riqueza social, lhes permitia o controle da economia, do trabalho humano e das instituições políticas, e a dominação do homem sobre o próprio homem. Essa exploração histórica foi aí aína quebrada pelo ciclo das grandes revoluções sociais e políticas, que concederam ao povo o direito da liberdade.

A democracia foi introduzida nos Estados modernos pelas revoluções, de uma maneira idêntica ao que aconteceu nos Estados antigos. Na Roma clássica, os patrícios fizeram a sua revolução contra a realeza no ano 510 a.C., do que decorreu a proclamação da República aristocrática; depois disso sucederam-se conflitos violentos entre a plebe, que não tinha direito de voto, e a aristocracia dos patrícios. A plebe, por suas revoluções sucessivas, com a retirada ao Monte Sagrado ou Aventino, com a instituição dos tribunos do povo, com a lei agrária Cásia, e assim com a famosa "lex canuleia", conseguiu no ano 445 a.C., a sua participação nos elevados cargos do Estado, que lhe era vedada. Foram, assim, verdadeiras lutas de classes sociais entre a nobreza e as camadas populares, que provocaram a formação da República democrática romana mediante as contínuas revoltas dos plebeus.

Na Grécia clássica, onde primeiro abrohou o modelo histórico da democracia em tóda a civilização, a aristocracia fez a sua revolução contra a realeza no ano 1045 a.C., na Atenas grega, conferindo o poder supremo do Estado aos arcontes, ou magistrados eleitos pela nobreza, os eufártidas, que acumulavam as riquezas sociais em detrimento das camadas populares. As

sucessivas revoluções da plebe contra a aristocracia privilegiada trouxeram afinal a legislação de Solon, no ano 594 a.C., com a "seisacteia" ou lei da abolição das dívidas, e os primeiros fundamentos da República democrática grega. Essa democracia tomou formas definidas com a vitória do partido democrático de Clistenes sobre a oligarquia aristocrática dirigida por Isagoras, em 507 a.C., vindo a atingir o seu apogeu na idade de Péricles. (4)

No mundo moderno a democracia foi também conquistada pelo povo mediante o processo revolucionário. Em Inglaterra, as revoluções de 1648 e 1688 vieram lançar as formas iniciais do regime parlamentar e constitucional; os Estados Unidos tiveram a sua revolução democrática em 1776; e a França teve a sua grande Revolução em 1789, a grande e rica sementeira dos ideais de liberdade e igualdade da civilização cristã.

Assim é que o Estado de privilégios (monarquia, aristocracia) foi substituído pelo Estado democrático, fundado na liberdade e na igualdade. Um novo Estado surgiu, um Estado de todos e não de alguns, um Estado dirigido e controlado pelo povo, e não por uma minoria privilegiada.

A democracia é sempre uma conquista. Uma conquista histórica do povo contra as classes sociais primitivas, que a princípio dominavam a estrutura política do Estado à margem dos interesses comuns da sociedade.

Do infatigável esforço de muitas gerações, através das grandes revoluções históricas, foi guardado no santuário do coração humano essa herança sagrada e imortal.

3. Os fundamentos econômicos da democracia. — As primeiras flores das idéias de liberdade e igualdade se objetivaram na forma da democracia burguesa, com fundamentos capitalistas. Foi o que justamente aconteceu na Grécia e Roma da antiguidade.

O sistema capitalista constitui a infraestrutura econômica da democracia burguesa, da qual o Estado demobilizado é a superestrutura ideológica e política.

Segundo Werner Sombart, o mesmo estílo de que nasceram o novo Estado e a nova Religião, a nova Ciência e a nova Técnica, cria também a nova vida econômica: o Capitalismo.

A ordem econômica do capitalismo é caracteristicamente livre. É o verdadeiro regime do "laissez faire, laissez aller", onde o indivíduo tem a plena liberdade de iniciativa particular no campo da atividade econômica.

E justamente essa idéia de liberdade econômica é donde se levanta a liberdade política do povo, a comunidade nacional decidindo o seu próprio destino. (5)

Recentemente, toda a história moderna deve partir do conceito de "cultura integrada", que tem a sua infraestrutura econômica e a sua superestrutura ideológica, a se interdependentemente. Cada cultura constitui um espaço-tempo histórico específico, com o seu ritmo e as suas fases de evolução, e se desenvolvendo no panorama total da civilização humana.

Na "cultura integrada" da antiga Grécia, a infraestrutura das forças de produção e a superestrutura ideológica e política revelavam uma profunda correlação funcional. Por isso mesmo, os sociólogos modernos, a exemplo de Breyzig, Spengler e von Martin, falam de uma idade-média da cultura grega, do ano 1000 a 750, a.C., que teve como se sabe a sua forma correspondente na cultura europeia. Nessa época da vida da antiga Hélена, dominava uma grande nobreza latifundiária ao lado de um Estado feudal e da economia natural, ao que se correlacionava uma cultura espiritual de sentido épico, mítico e religioso. (6)

Uma grande revolução econômica encerrou o desfecho do Estado feudal grego, que foi a introdução da moeda, simbolizando uma transmutação sóciocultural idêntica aquela operada na Europa pela revolução industrial. E o que esclarece Zimmerm de uma maneira decisiva: "A primeira moeda cunhada com peso fixo para servir como meio de troca, foi lançada pelos reis Lídios no século VII. Parece uma mudança simples, mas o seu efeito sobre o camponês é tão desastroso como a invenção da máquina a vapor. Criou uma revolução econômica nas comunidades mediterrâneas comparável àquela que a Europa só agora se está reconstituindo".

Ali começa o capitalismo grego a dinamizar a estrutura da economia feudal, abrindo mão a guerra comercial e o Estado democrático-burguês em substituição à cultura medieval. O espírito do lucro e do ganho (Erwerbs- oder Gewinnprinzip), que segundo Sombart caracteriza a mentalidade capitalista, se projeta com extraordinária intensidade. Atenas transmuda-se no grande império do comércio e do lucro da antiguidade, desenvolvendo na sua cultura a dissimetria brutal entre plutocracia e proletariado, latente no sistema capitalista. O apogeu do capitalismo grego dura em seguida as lutas imperialistas com os povos, guerras espirituais, que interpretadas a luz da sociologia moderna, tiveram a sua causa real no desejo de controle dos mercados econômicos da Ásia Menor, do Mar Egito e adjacências; e atinge o seu clímax, o seu ponto sociológico de saturação, com a descoberta das minas de prata de Laureion, em 483 a.C., permitindo a absoluta florada da economia monetária e da idade de ouro do libe-

rrismo e do Estado democrático-burguês, com Péricles. (7)

Pohlmann, o eminent e lúcio historiador do problema social na antiguidade, assim descreve o antagonismo das classes sociais nesse período: "Nos Estados, econômica e politicamente mais desenvolvidos do mundo helênico, encontramos de um lado uma minoria de mentalidade pictórica, que sente do modo mais opressivo a soberania popular, a confecção das leis pelo povo, como sendo uma servidão anti-intelectualmente, e estava sempre pronta a isso refugiar — e de outro lado o povo, cuja consciência democrática era um individualismo tão unilateral no interesse das massas, quanto a mentalidade oligárquica no interesse dos ricos. Se a oligarquia financeira pretendia sempre emancipar-se da pressão política do Estado, que limitava o seu instinto de lucro, — a parte radical do povo tudo exigia do Estado, em benefício das massas. Uma oposição que se cada vez mais iria agravar... crescendo o abismo entre a minoria proprietária e a maioria de um proletariado cada vez mais numeroso e miserável. E assim as opções sociais dividiram a sociedade em duas partes inimigas".

E o que igualmente observa o famoso sociólogo russo Rostovtzeff, mostrando como a ciência grega, que se desenvolvia a par do capitalismo, introduziu métodos novos de aperfeiçoar a produtividade da terra e o cultivo dos cereais, como adubagem regular do solo, rotação das culturas e progressos na irrigação artificial. Esses processos realizaram uma transformação rápida na estrutura social: "métodos primitivos de cavar o solo cederam o lugar a um sistema capitalista, no qual o trabalho escravo representa a parte principal". Por isso mesmo conclui Rostovtzeff: "Era irresistível, ao mesmo tempo, o desenvolvimento do proletariado, em parte devido ao crescimento natural e em parte à difusão do capitalismo e à transferência de numerosas terras para as mãos de grandes proprietários. Afinal, as condições de vida se tornaram intoleráveis e instáveis em quasi todas as cidades gregas. O abismo entre os ricos e os pobres, entre a burguesia e o proletariado cresceu cada vez mais".

Verifica-se a contento, na sociologia cultural grega, como a democracia liberal e burguesa emergiu historicamente das condições econômicas do capitalismo: floresceu enquanto o espírito do capitalismo se conservava na culminância de sua harmonia interior; e entrou em uma fase de declínio e declínio à medida da decadência do regime econômico do "laissez faire, laissez aller". E, em toda a história da cultura romana e da cultura europeia, a democracia liberal e burguesa sempre permaneceu intimamente relacionada à ideologia naturalística do capitalismo. (8)

4. O conceito da democracia. — Convém, no entanto, elucidar com o necessário rigor científico, o conceito da democracia. Os vocabulários impróprios são os maiores inimigos da realidade e, por isso mesmo, os conceitos científicos nunca devem fugir a uma profunda adequação com a vida histórica e social.

Jellinek, na sua "Allgemeine Staatslehre", joerando o pensamento político da antiguidade e o fio de trabalho da obra renascentista de Maquiavel, vê na democracia o sistema político fundado na dominação da vontade popular. Ele divide a duas formas de governo: a Monarquia e a República. Na Monarquia, a dominação política pertence à vontade de uma só pessoa, que não reconhece juridicamente nenhuma outra pessoa como superior. Já a República pode ser aristocrática, quando a dominação política pertence a uma classe privilegiada dentro da comunidade popular, ou democrática, quando a massa dos cidadãos adultos de uma coletividade é que decide os destinos históricos do povo. O princípio majoritário esclareceria assim a essência da democracia.

Contrariamente, o professor Harold Laski, na sua brilhante síntese "Democracy", afirma que o verdadeiro ideal do Estado democrático é o princípio da igualdade: "That notion of equality points the way to the essence of the democratic idea...". Sómente a plena realização do regime de igualdade política e econômica permitiria a objetivação plena da democracia na vida política.

Já Hans Kelsen, na sua "Allgemeine Staatslehre" e "Vom Wesen und Wert der Demokratie", adverte que a verdadeira essência da democracia é dada pela idéia de liberdade. Ele admite duas modalidades de formas de governo, dois métodos de criação de normas jurídicas, e que são justamente a democracia e a autorarquia: a forma política que corresponde à idéia de liberdade, é a democracia, na qual são os próprios sujeitos das regras de direito que as estabelecem; na autorarquia, pelo contrário, elas nunca participam na sua criação, a qual é função de um único indivíduo, que não está sujeito a elas, o autorarca, o qual, por consequência, aparece como senhor de todos os outros indivíduos.

Acontece, entretanto, que os conceitos da democracia de Jellinek, Laski e Kelsen, são visualizações parciais da idéia sintética e ampla da democracia. Jellinek só observou o aspecto sociológico da democracia, a sua fundamen-

tação sociológica na vontade popular: Laski acentuou o momento econômico, a tendência da democracia para a igualdade econômica; e Kelsen, afinal, como normativista puro, reduz a democracia a uma forma jurídica, a síntese de uma ordem jurídica superior das diversas liberdades individuais e a sua limitação recíproca, di surgindo a liberdade coletiva do povo.

Uma apreciação objetiva e científica da democracia, realizando uma correção às três perspectivas parciais do seu conceito, vé a sua realidade do conjunto como superestrutura política e jurídica, cuja essência é a liberdade política dos cidadãos, fundamentada, porém, em uma infraestrutura econômica e social, que é uma relativa igualdade econômica dos indivíduos para permitir a expressão real da vontade popular.

A democracia é, assim, a situação de um povo, onde o poder supremo de decisão do Estado reside na totalidade livre dos cidadãos, iguais entre si em relação aos privilégios existentes na vida social.

5. A democracia socialista. — A democracia socialista é a verdadeira vocação da natureza humana. Não há, nunca houve uma crise da democracia em si, da democracia em sua essência. A história mundial somente conheceu a democracia burguesa, a democracia capitalista, a democracia de classe. Essa democracia burguesa está em crise.

Com efeito, a parcela de poder efetivo que o indivíduo exerce na vida real, não depende só de regras jurídicas, mas sobretudo da sua situação econômica de fato, ou com mais precisão, da sua propriedade. Ao lado dos privilégios que a prendem ao nascimento, crença ou raça, e incompatíveis com o conceito puro da democracia, está o grande grupo dos privilégios decorrentes da riqueza. Por isso mesmo, é que Laski e Mannheim falam de uma "democracia planificada", que seria o verdadeiro ideal de realização da essência da democracia.

A riqueza econômica é que situa o indivíduo dentro de uma classe social, conferindo o seu estatuto burguês ou proletário. A sociedade capitalista, provocando um antagonismo social entre uma minoria burguesa, que detém os meios de produção, e um proletariado cada vez mais numeroso e miserável, é uma sociedade formada segundo o princípio clássico, envolvendo assim um verdadeiro estatuto privilegiado de fato, conquanto que não seja de jure.

A essência da democracia (Thoma, Laun, Hauriou, Aristóteles, Willeme) é a eliminação dos privilégios existentes na vida, quer eles a prendam ao nascimento, crença, raça, como também à riqueza econômica: sociedade de classe, democracia são conceitos sociológicos que se excluem reciprocamente.

Assim a verdadeira essência da democracia é a sua progressiva formação vital como democracia socialista, realizando uma complementação harmônica entre a democracia política e a democracia econômica.

Essa democracia socialista não é uma verdade dogmática, porém é sobretudo uma verdade histórica, para que está marchando gradativamente o mundo social. Os grandes teóricos e homens de ação referem-se constantemente a essa marcha da democracia burguesa para a esquerda: Roosevelt e Wallace falam de uma "democracia econômica", o famoso jurista polônio Mirkin Gutzewitz acentua a necessidade de uma "democracia racionalizada", os eminentes sociólogos Laski, Mannheim e Mário Lins defendem os princípios de uma "democracia planificada", enquanto o grande guia espiritual da revolução russa, Lénine, construiu a sua arquitetura de uma "democracia igualitária".

A própria ideologia cristã, depositária da semelhança dos ideais da liberdade e igualdade, na sua crítica aos fundamentos da sociedade burguesa, feita por Maritain, Ducatillon Bernanos, alude a uma "democracia personalista e cristã", colmando uma superação espiritual da atual divisão em classes. Aquilo mesmo que Marx reputava como o destino da história da humanidade, pregando em seu "Das Kapital" e "Zur Kritik der Politischen Ökonomie" ser a chamada sociedade sem classes (Klassenlose Gesellschaft) a própria finalidade da história, é o verdadeiro pensamento de Maritain, quando em "L'Humanisme Integral" pretende magistralmente a realização de uma "sociedade sem burguesia e sem proletariado", com fundamento cristão e personalista.

Essa democracia socialista será de fato a majestosa realização da pureza evangélica da filosofia cultural do cristianismo, será uma democracia humanista, a primeira florada real de expressão política do cristianismo. (9)

E essa marcha da democracia burguesa para a democracia socialista é que Marx previa com uma lógica impressionante. E a sua famosa lei da acumulação do capital, conforme à qual, no curso da evolução econômica, toda a produção será concentrada em algumas poucas empresas colossais. Devido a bancarrota dos pequenos produtores e a crescente exploração dos trabalhadores, não só a riqueza como o maquinário técnico tende a concentrar-se em poucas mãos de acordo com a lei da acumulação do capital: "a acumulação do capital representa um aumento do proletariado. Enquanto há uma progressiva diminuição no número dos magnatas capitalistas, que usurpam e monopolizam todas as vantagens do processo de transformação, ocorre um aumento correspondente na massa da pobreza, opressão, escravidão, degeneração, e exploração" da grande massa trabalhadora (Marx, Das Kapital, I, cap. 23).

"Pelo nome de proletário deve-se entender economicamente, o trabalhador salarizado (Lohnarbeiter), que produz e valoriza o capital, que é sumariamente abandonado (aufs Pfosten geworfen)". Os franceses diriam "jeté sur le pasé", logo que é inótil às necessidades de "Mein Kapital" (10). Assim, a crescente concentração dos meios de produção e a miséria degradante das massas, em combinação com a anarquia do sistema capitalista, levam a perdição catastrófica das crises, cada vez mais devastadoras. A teoria das crises trazia

(Continua na página 18)

# Os Grandes Problemas Econômicos, Políticos e Sociais da Hora Que Passa

## Idéia e Sugestões de um Grande Industrial Pernambucano

"A reabertura dos debates em torno das questões públicas, piciada pelo levantamento da censura à imprensa, pelo processo de redemocratização ou, apenas, democração, em andamento, e pela intensão nacional dos problemas suscitar entre nós duas discussões de interesse genérico: o de ordem política e os de natureza econômica. Segundo a linha evolutiva dos debates e das teorias destes últimos anos, desde o começo da apósguerra, o mundo inteiro tende inexoravelmente para a democracia, como término do processo político, e para a libertação das massas, como etapa final do processo econômico, intimamente ligados um ao outro e até círculos, intitulados sob a expressão única e corrente de "democratização," acrescido o significado dessa palavra de um sentido material concreto. Há os que concedem prioridade à solução do problema político, como os que vêem a questão econômica como primordial. Nota-se, entretanto, uma tendência predominante para a execução da segunda parte dessa tarefa nacional e mundial dentro dos quadros tradicionais do regime democrático-representativo e pluripartidário, sem que seja necessário lançar mão dos métodos extremistas do absolutismo de Estado, contra os quais esta guerra foi uma reação. Os próprios representantes genuínos das correntes queridistas, afastados de sua antiga tática revolucionária, já apelam, hoje, para os métodos democráticos e eleitorais, que encaram à colaboração harmoniosa das forças da produção e da política, em exclusivismo de classe e de partidos. Dirigem-se, principalmente, ao que é chamado "burguesia progressista" e ao "capitalismo esclarecido," para o desenvolvimento de todas as possibilidades materiais da produção, em benefício da coletividade. Torna-se, a seu ver, de acelerar um ritmo de produção ainda muito vagaroso, de modernizar técnicas obsoletas, de melhorar os padrões gerais de vida e de aumentar o poder aquisitivo das populações, para criar um grande mercado interno e de consumo das utilidades industriais.

E aí está, realmente, as chamadas classes conservadoras, com os seus problemas particulares e deante dos ingentes problemas coletivos. Já agora não lhes é lançado, como há ainda poucos anos, um desafio, mas uma sugestão. Elas são chamadas à parceria, nesta hora delicada do Brasil e de todos os povos e, coletivamente, já falam, através dos seus representantes à recente Convenção de Teresópolis.

O JORNAL DO COMÉRCIO, como tem feito em relação a outros assuntos de interesse público, inicia, hoje, uma enquete, em bases amplas, sobre estas questões, ouvindo, de comício, uma série de industriais pernambucanos. Procurámos, em primeiro lugar, o sr. José Pessoa de Queiroz, figura de maior expressão de nossas classes conservadoras, diretor-presidente da Usina Santa Teresinha S. A., S. A. Usina do Outeiro (Campos) e Banco Industrial de Pernambuco e diretor-gerente da Cia. Agrícola de Pernambuco e das Indústrias Rurais de Comércio Ltda. Eis o que declarou à reportagem o conhecido homem de negócios:

### Fidelidade ao sistema democrático

"Somos os que pensam que a solução ideal para o caso brasileiro ainda e sempre residirá na fidelidade ao sistema democrático, dentro do qual foi possível ao país traçar os lineamentos do seu incipiente progresso. E' de mister, fora de dúvida, acelerar e desenvolver ao ponto máximo essa prosperidade, pelo estímulo das nossas fontes de riqueza e pela crescente valorização da mão de obra. Num caso, o problema é de ordem técnica: melhores aparelhamentos industriais e agrícolas, métodos sempre em dia com as últimas aquisições da ciência; e, no outro,

mais firme e mais corajosa política de assistência social e econômica ao trabalhador, não sómente com melhores remunerações ao seu esforço produtivo, como, principalmente, pela solução dos problemas relacionados com sua saúde e sua instrução. Dentro desse quadro, não vemos como fazer apelo à instauração de regimes estranhos à formação do Brasil, pois o mal em si não é de regimes e sim dos que se propõem conduzi-los.

### O exemplo norteamericano e inglês

Olhemos o exemplo da grande democracia yankee, que acaba de oferecer ao mundo uma incomparável demonstração do que seja o trabalho organizado, nessa espantosa mobilização bélica, conduzida com inteligência para a luta contra o nazismo. Nem a fabricação dos engenhos de guerra, nem a pronta adesão do operariado à política de guerra, exigiram o menor abalo na estrutura política dos Estados Unidos. Por sua vez, a Grã-Bretanha — e com ela seus Domínios — suportou sózinha a luta contra a Alemanha hitleriana, nos dias mais difíceis da guerra. E, rigidamente fiel às suas melhores tradições democráticas, pôde sustentar os mais rudes embates, aumentando, em grande escala, a sua produção agrícola e desenvolvendo rapidamente as suas indústrias para as necessidades da guerra, sempre com seu povo e seu governo mantidos como um bloco homogêneo para a vitoriosa resistência contra as ameaças do nazismo triunfante no continente europeu.

### A Rússia

Não é também de desdenhar o exemplo da Rússia que, sem medidas drásticas e sem transições em relação à sua estrutura política, manteve incólume o seu regime, pondo em pé de guerra o maior exército do mundo, suportando sem desfalecimento todos os azares que lhe impôs a ocupação germânica, e mantendo, com energia, o lugar proeminente que conquistou no mundo contemporâneo.

A respeito da diversificação política que os separa, cada um desses países soube preservar os seus regimes, graças à circunstância de terem seus dirigentes um programa firme e claro, e de estarem em condições de executá-lo, com a participação do povo nos campos, nas fábricas, nas repartições públicas, no Exército, na Marinha e na Aeronáutica.

Governadas por sistemas políticos antagonicos, essas potências mostraram rigorosa identidade na colaboração de que foram capazes, na organização interna de que se revelaram possuidoras, na decisão — a mesma — dos seus governos, e na capacidade e bravura dos seus respectivos povos.

O milagre dessa homogeneidade não teria sido possível sem a obediência a princípios gerais de índole política e administrativa de que ainda, e infelizmente, estamos distanciados.

### Homens capazes para os postos de mando

Para realizarmos o progresso social e econômico do Brasil, o de que necessitamos, em primeiro lugar, e com uma urgência que os fatos tornam, dia a dia, mais inconfundível, é a entrega dos postos dirigentes a homens capazes — e sempre aos mais capazes. Os homens capazes estarão habilitados a fazer crescer a riqueza nacional, quer situados — e algumas vezes, mas não sempre, o têm sido — nos Ministérios ou na diplomacia; quer nos serviços públicos, do Lloyd e da Central do Brasil, até o mais humilde setor das atividades públicas; e nas usinas, como nas fábricas e nas fazendas.

Não menos imperioso se torna assegurar trabalho às massas operárias e

camponesas, conduzindo-as, sob melhores padrões de vida, à produção abundante de utilidade tanto para consumo interno como para a exportação em larga escala. Principalmente, quando sabemos que a colheita de cereais e legumes se realiza num ciclo de 90 dias, não vemos como ainda se desdenhe a adoção de uma política de trabalho interno e racionalizado do qual resultaria, paralelo ao enriquecimento do país, o suprimento das nossas necessidades internas e dos nossos aliados e dos países devastados.

### Menos fiscalização e mais produção

Como medida subsidiária, devemos cotizar da redução do número dos funcionários (fiscais) nomeados para fiscalizar uma produção de gêneros alimentícios que não existe, e, concomitantemente, promover-se a criação de maior número de produtores, de agricultores e criadores, ou, por outra, estabelecer-se,

em termos ortodoxos, a fórmula "menos burocracia e mais eficiência."

Essas medidas e mais outras a serem sugeridas e suficientemente examinadas antes de serem postas em prática, tenderiam a evitar o perigo inflacionista, por remover o desajustamento econômico que se apresenta como primeira etapa das grandes crises sociais.

### O capital não pode ser desdenhado

O meu pensamento é o de um homem que tem direito a supor que num país de economia ainda estabelecida em bases mordidas, ninguém desconhece que o capital não pode ser desdenhado como fonte de criação de riquezas nacionais. Mas que sente que esse fator de enriquecimento nacional não pode estar à mercê das linhas oscilantes e negativistas, através das quais, até nossos dias, vêm sendo norteados — e submetidos a uma crise de negativismo improdutivo — os problemas básicos sobre os quais assenta o progresso do país. Acredito enfim — sem sombra de dúvida — que num clima verdadeiramente democrático, de liberdade e segurança, incentivando-se o capital e o trabalho, solucionando-se pacificamente suas divergências, o Brasil crescerá, podendo manter entre as grandes potências o lugar que bem merece e conquistou com a bravura e o sangue de seus filhos."

(Do JORNAL DO COMÉRCIO, de Pernambuco, edição de 31 de maio de 1945).

## "Casa Jardim", Uma Nota De Elegância E Bom Gosto Na Vida Da Cidade



Um aspecto da galeria de arte da "Casa Jardim"

Constituiu um acontecimento de marcante expressão, na vida da cidade, a recente inauguração da "Casa Jardim", à rua da Imperatriz.

O novo estabelecimento se impôs, desde logo, pela discreta elegância de suas instalações, pelo comprovado bom gosto que nestas predomina, constituindo, mesmo sob tal aspecto, um exemplo e uma lição que bem poderiam ter imitadores.

Transcrevemos abaixo, para as nossas colunas, alguns conceitos da reportagem que o "Diário de Pernambuco" dedicou à Casa Jardim, no dia seguinte ao de sua inauguração:

"Abrindo os salões de suas casas aos artistas, os proprietários da "Casa Jardim", incentivaram os pintores locais que lutam com grandes dificuldades para expor seus quadros no Recife. A galeria será permanente e os quadros serão substituídos por outros à medida que forem sendo adquiridos.

Outra atração da casa são os azulejos folclóricos brasileiros, da autoria de Paulo Rossi. Quase todos os motivos são nordestinos e apre-

sentam tipos de festas populares, de pátio de igreja e de roça; vaqueiros, coroais, vendedores; cenas de colheita, plantação, de feiras, de balsa de rios, etc.

Dentro de um moderno e bem iluminado ambiente notamos artigos para presentes, mobiliário de ferro, cinzeiros artísticos, "abat-jours", estatuetas, azulejos multicóres, mesas de vidro, espelhos de cristal, escrivaninhas, florais de parede, porta-retratos, porta-chapeus, materiais decorativos de mesa, jogos de cinzeiros para mesas de jogo e salas de visita, em onix com suportes metálicos; estatuetas em bronze, com base em onix, apresentando o símbolo filosófico chinês de "Ver, Ouvir e Calar"; jogos para secretárias em onix, com símbolos do direito, farmácia, medicina, etc.; porta-livros; serviços para "cocktails" e chá. Logo à entrada saliente-se uma "Diana, a Caçadora" em base onix sobre um consolo Regência.

Na "Casa Jardim" penetra-se no domínio da porcelana, do ferro, do aço, do óleo, vidro e aquarela".

# SANGUE NOVO

PARA AS

## ARTÉRIAS DA CIDADE



Brevemente  
mais **50 ÔNIBUS!**

PERNAMBUCO AUTOVIÁRIA LTDA.

# Quatro Poemas Negros de Jorge de Lima

## Essa negra Fulô

Ora, se deu que chegou  
(isso já faz muito tempo)  
no banguê dum meu avô  
uma negra bonitinha  
chamada negra Fulô!

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!  
(Era a fala da Sinhá)  
— Vai farrar a minha cama  
pentear os meus cabelos  
vem ajudar a tirar  
a minha roupa, Fulô!

Essa negra Fulô!

Essa negrinha Fulô!  
ficou logo pra mucama  
para vigiar a Sinhá  
prá engomar prô sinhô!

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô!  
(Era a fala da Sinhá)  
vem me ajudar, ó Fulô,  
vem abanar o meu corpo  
que eu estou suada, Fulô!  
vem coçar minha coceira  
vem me catar cufuné,  
vem balançar minha réde,  
vem me contar uma história,  
que eu estou com sono, Fulô!

Essa negra Fulô!

"Era um dia uma princesa  
que vivia num castelo  
que possuia um vestido  
com os peixinhos do mar.  
Entrou na perna dum pato  
saiu na perna dum pinto  
o Rei-Sinhô me mandou  
que vos contasse mais cinco.

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

O Fulô! Ó Fulô!  
Vai botar para dormir  
esses meninos, Fulô!  
"Minha mãe me penteou,  
minha madrasta me entrou  
pelos figos da figueira  
que o Sabiá beliscou."

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

O Fulô! Ó Fulô!  
(Era a fala da Sinhá  
chamando a negra Fulô)  
Cadê meu frasco de cheiro  
que seu Sinhô me dandou?  
— Ah! Foi você que roubou!  
Ah! Foi você que roubou!

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

O Sinhô foi ver a negra  
levar couro do feitor.  
A negra tirou a roupa.  
O Sinhô disse: Fulô!  
(A vista se encareceu  
que nem a negra Fulô)

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

O Fulô! Ó Fulô!  
Cadê meu lenço de rendas,  
Cadê meu cinto, meu broche,  
Cadê meu têgo de ouro  
que seu Sinhô me dandou?  
Ah! Foi você que roubou!  
Ah! Foi você que roubou!

Essa negra Fulô!

O Sinhô foi açoitar  
sozinho a negra Fulô.  
A negra tirou a sáia  
rouou o cabegão,  
dentro dêle pulou  
sua a negra Fulô.

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

Ó Fulô! Ó Fulô?  
Cadê, cadê ter Sinhô  
que Nossa Senhor me mandou?  
Ah! Foi você que roubou  
foi você, negra Fulô!

Essa negra Fulô!  
Essa negra Fulô!

As outras montanhas se cobrem de neve, de  
[nuvem, de verde!  
E tu, de Loanda, de panos-da-costa, de argolas,  
[de contas, de quilombos!  
Serra da Barriga!  
Eu te vejo da casa em que nasci:  
que medo danado de negro-fujão!

Serra da Barriga, buchuda, redonda,

E as gerações dessas gerações quando apagarem  
a tatuagem execrada,  
não apagarão de sua alma, a tua alma, negro!  
Pai-João, Mãe-negra, Fulô, Zumbi,  
negro-fujão, negro-cativo, negro rebelde,  
negras cabindas, negros congos, negros iorubás,  
negros que foram para o algodão de U. S. A.  
para os canavais do Brasil,  
para o tronco, para o colar de ferro, para a canga  
de todos os senhores do mundo;  
eu melhor compreendo agora os teus blues  
nesta hora triste da raça branca, negro!

Olá, Negro! Olá, Negro!

A raça que te enforca, enforca-se de tédio,  
E és tu que a alegras ainda com os teus jazzes,  
com os teus songs, com os teus lundus!  
Os poetas, os libertadores, os que derramaram  
babosas torrentes de falsa piedade  
e fizaram de ti um motivo literário  
não compreendiam que tu las rir!  
E o teu riso, e a tua vingindade e os teus medos  
je a tua bondade  
mudariam a alma branca cansada de todas as  
[crueldades]

Olá, Negro!

Pai-João, Mãe-Negra, Fulô, Zumbi  
que traiste as Sinhás nas Casas-Grandes,  
que cantaste para o Sinhô dormir,  
que te revoltaste também contra o Sinhô;  
quanto séculos há passado  
e quantos passarão sobre a tua noite,  
sobre as tuas mandingas, sobre os teus medos,  
[sobre tuas alegrias]

Olá, Negro!

Negro que foste para o algodão de U. S. A.  
ou que foste para os canavais do Brasil,  
quantas vezes as carapinhas há de embranquecer  
para que os canavais possam dar mais docura  
[à alma humana?]

Olá, Negro!

Negro, ó antigo proletário sem perdão,  
proletário bom,  
proletário bom,  
proletário bom,  
blues,  
jazzes,  
songs,  
lundus...

Apanhavas com vontade de cantar,  
choravas com vontade de sorrir,  
com vontade de fazer mandinga para o branco  
[ficar bom,  
para o chicote doer menos  
para o dia acabar e negro dormir!  
Não basta iluminares hoje as noites dos brancos  
[com teus jazzes,  
com tuas danças, com tuas gargalhadas!]

Olá, Negro! O dia está nascendo!  
O dia está nascendo ou será a tua gargalhada  
[que vem vindo?]

Olá, Negro!

Olá, Negro!



## Pai João

Pai João secou como um pau sem raiz.  
Pai João vai morrer.  
Pai João remontou nas canções.  
Cavou a terra.  
Fez brotar do chão a esmeralda das folhas;  
— café, cana, algodão.  
Pai João cavou mais esmeraldas que Pais Leme.

A filha de Pai João tinha um peito de vaca  
para os filhos de iólo mamar:  
Quando o peito secou, a filha de Pai João  
também secou agarada num ferro de engomar.  
A pele de Pai João ficou na ponta dos chicotes.  
A força de Pai João ficou no cabo da enxada  
e da foice

A mulher de Pai João o branco furtou  
para fazer mucama.  
O sangue de Pai João se sumiu no sangue bom  
como um torrão de açúcar bruto  
numa panela de leite.  
Pai João foi cavalo  
para os filhos do iólo montar.  
Pai João sabia histórias tão bonitas  
que davam vontade de chorar.  
Pai João vai morrer.

Há uma noite lá fôra como a pele de Pai João.  
Nem uma estrela no céu.  
Parcece até mandinga de Pai João.

## Serra da Barriga

Serra da barriga!  
Barriga de negra-mina!

do jeito de mama, de anca, de ventre de negra!  
Mandaú te lambeu! Mandaú te lambeu!  
Cadê teus bum-bumas? teus jongos? teus sambas?  
Serra da Barriga?

Serra da Barriga, as tuas noites de feitiço, chei-  
[rando à maconha,  
cheirando à liamba? Os teus meio-dias: ti-bum nos peraus! ti-bum  
[nas lagôas!]

Pixains que saem secos, cobrindo sovacos de  
[sucupira,  
barrigas de baráuna!  
Mandaú te lambeu! Mandaú te lambeu!  
De noite: tan-tans, curros-curros  
e bumbas, batuques e baques!

E bumbas!  
E cucas: ô ô ô!

E bantos: ô ô ô!

Aqui não há cangas, nem troncos, nem banzos!

Aqui é Zumbi!

Barriga da África! Serra da minha terra!  
Eu te vejo bulindo, mexendo, gozando Zumbi!  
Rei Zumbi! Rei Zumbi! Rei Zumbi!  
Depois minha serra, te vejo caindo, caindo,  
levando nos braços — Zumbi!

## Olá! negro

Os netos de teus mulatos e de teus cafusos  
e a quarta e a quinta gerações de teu sangue  
[sofredor,  
tentarão apagar a tua cõr!



**UNIVERSAL**  
Geneve

RELÓGIOS E CRONÓGRAFOS DE PRECISÃO

UNICOS DISTRIBUIDORES NO RECIFE: —

REGULADOR DA MARINHA —

Rua Nova, 223

## Falam os Críticos:

DO SUL:

## "RANGER DE DENTES"

"Romance regional! Mas não no sentido, daquelas pitorescas imagens do paisagem e dos homens, daquelas sentimentais considerações sobre dificuldade e a miséria da existência humana. Antes a tentativa de explicar pelos fatores físicos e pelas condições econômicas das derivadas o caráter da vida coletiva e individual, o choque entre o antigo feudalismo e as idéias modernas, o atraso de uma civilização que só lentamente está crescendo, o afastar de uma cultura social cujas bases econômicas e psicológicas, uma após outra, desaparecem.

E' assim podemos dizer, um romance de fato, a do acordar do sertão, o tomar de consciência de uma população perante velhas injustiças e inercios desigualdades, o ranger de dentes, antes da rebeldia aberta. Mas não é uma tese personificada em bonecos que cada um por sua vez, vêem apresentar as diversas faces do problema. São homens vivos que nos convencem, com quem vivemos e de quem nos lembramos como se os tivessemos encontrado na rua ou no lar. E não me admira que, entre eles, houvessem amigos e primos do autor ou quaisquer retratados com nitidez, por vezes com crueldade e sempre com um profundo sentimento humano.

Pois esse romance regional, esse romance de fato é sobretudo uma história muito humana. Sim, não parabolas que surgem, porém, mais que parábolas são homens, são nossos irmãos, com as nossas qualidades que conhecemos e os nossos defeitos que tantas vezes ignoramos. E quanto à tese que os homens e a sua ideologia, mudam conforme as condições econômicas, nunca se enquadram em "Ranger de Dentes", o importante papel que, na evolução humana, desempenha o fator individual. A personalidade, "supremo felicidade dos entes terrestres", segundo a expressão de Goethe, sempre interveem no evolver do erêdo".

(Ernesto Feder — *O Despertar do Sertão Nordestino* — O JORNAL, do Rio — 28-10-45).

## "INFLUENCIAS", de Machado de Assis

"Falam-se, muito, desde o "Amanuense Belmira" na influência de Machado de Assis sobre Ciro dos Anjos. Não a sinto assim tão forte. Há entre ambos um parentesco de forma mas não de espírito. Machado é mordaz; seu ceticismo é uma amargura essencial que a dispendente ironia não consegue esconder. Machado é quase feroz.

Ora o eu sinto em Ciro dos Anjos é antes uma grande simpatia pelos seus heróis e um pendor, no análice, muito marcado.

Nas idas de Machado, Abdias seria um monstro; nas de Ciro dos Anjos ele é um costado. Com Machado teríamos um cínico, e Abdias não passa de uma vícima.

Por outro lado essa sociabilidade estreita em que vive fora dissimila impiedosamente por Machado, e Ciro dos Anjos só a critica e quer. Aceita-a como uma realidade natural. Contudo é indiscutível que Ciro dos Anjos desce em linha reta de Machado, mas como os românticos sociais de nosso modernismo descendem de Aluísio de Azevedo. São duas tradições, uma que leva ao universalismo e outra ao regionalismo. Uma que conduz à verticalidade e outras que via o ação, o particular, e mesmo por vezes o espetacular. Acontece, de quando em quando, um Graciliano Ramos, ressuscitado em si amílhas as correntes para realizar "Angústia" ou "Infância", em que o universal se junta o regional, um José Lins do Rêgo, escrevendo "Popo Morto" onde as personagens criadas ascendem ao nível dos típos universais.

Ciro dos Anjos estudos em Machado a técnica do romance, e o que mais o impressionou nelo (e, sempre aproveitar o ensinamento) foi a maneira de por em evidência a psicologia dos heróis. Nada de gressões sem análice demoradas e sutis, as

altitudes ou a suscitação delas é que devem tornar clara a psicologia. A coerência ou incorrencia dos gestos e palavras das personagens é que devem marcar-las a personalidade. Diante de Abdias podemos, sem interpretações especiais, (essas notícias de rodapé!) compreender-las a constituição, o caráter, o temperamento, a educação; imaginar-las mesmo o condicionamento familiar, o gênero de cultura, os recônditos, as ambições, etc. Com essa técnica, tem-se o romance não um simples esboço de uma ou mais vidas, porém, uma revelação essencial da vida através de seus mais despretenciosos elementos".

"Diário Crítico", de Sérgio Milliet — DIARIOS DE NOTÍCIAS, do Rio — 28-10-45.

## RIO BRANCO

"O srr. Alvaro Lins tem do pernambucano a belicosidade polêmica e a paixão política. Um dos traços de seu humanismo é precisamente de apresentar sempre um contraste, até mesmo uma vitória, contra alguma coisa que no fundo resiste, alguma coisa de agreste e bravio, como ficou sempre na alma indomável de um Jackson de Figueiredo. Pois bem, o que havia em Rio Branco de belicoso e de político foi sempre, a meu ver, aparente e superficial. O que ele foi temporalmente, o que ele sempre quis ser, por tendência natural, por inclinação invençional, foi um homem de estudo e de gabinete. O único ponto que disputou acremente, tida a sua vida foi de conselhos, para poder ficar livre de outras ocupações profissionais absorventes, e mais próximo das fontes europeias, ainda em seu tempo pouco exploradas, para o estudo de sua história. O temperamento de Rio Branco era o do estudioso e o do dilectante. O grande paradoxo de sua vida foi justamente tido preferências. Se não o tivessem tirado de seu canto, ninguém ousaria negar que não teria sido senão um historiador de arquivos e um conservador notável sem a mais leve preocupação de cargos públicos, e pugnas nacionais ou internacionais. Nos seus papéis íntimos, encontrou o srr. Alvaro Lins o leit-motiv da fuga para a Pasargada, sob a imagem da "façanha paulista" que ele provavelmente via sob o sinal do Brejo do seu grande amigo Eduardo Prado".

(Tristão de Ataíde — "Rio Branco" — DIARIO DE PERNAMBUCO — 21-10-45).

## RUY BARBOSA

"Luiz Delgado, em livro de raro equilíbrio, (Livraria José Olympio Editora) se detém em Ruy Barbosa, num esforço que chamou de compreensão e síntese, para tirar da obra e da vida do "doutor da República", como o chamava Andrade Figueira, um modelo para o homem de ação. A ação em Ruy Barbosa foi a continuação da sua vida de intelectual. O homem dos livros não se escondeu atrás das estantes para fugir do mundo. O livro para ele foi sempre um elemento de ação. A literatura e jurisprudência alimentaram um político que, acima de tudo, punha as suas obrigações para com a pátria e a sociedade. No esmbo de Delgado, livro escrito com magnífica conciencia e com profundo amor a um ideal superior de vida, aparece um Ruy que nos toca e nos convence. Os impulsos generosos do jurista e as afirmações claras de suas idéias sobre o governo e o povo, estão expostas pelo crítico Delgado com clareza das dicas de verbo. Fica-se amando, o Ruy Barbosa que Juão Mangabeira fez viver em seu monumental repertório de fatos e situações. Fica-se com uma justa idéia das concepções políticas e ideológicas do senador incansável, com a explêndida sintese que Delgado nos deu.

José Lins do Rêgo — "Mais um Livro sobre Ruy Barbosa" — O GLOBO, do Rio — 15-9-45.

## O LIVRO DO MÊS

"Sociologia", de Gilberto Freyre



GILBERTO FREYRE  
Desenho de Ramirez

ESTA secção terá por finalidade aportar ao público o melhor livro do mês.

Para determinar o nome desta classificação levaremos em conta não somente o valor intrínseco da obra, como também a repercussão que haja alcançado dos críticos e dos leitores. Podemos, por isso, indicar ou classificar nem sempre o livro mais perfeito, mas, seguramente, o melhor recebido pela crítica e pelos leitores.

No mês de outubro, no meio de uma porção de livros interessantes de escritores do sul, do centro e do norte, quis o destino desta secção que coincidisse o seu aparecimento com a publicação dos dois primeiros volumes da "Sociologia", de

autor pernambucano Gilberto Freyre. E, ao classificar "Sociologia" como o melhor livro do mês, conseguimos, de inicio, uma credencial para esta secção ao invés de fazer uma homenagem ao mestre de "Casa Grande & Senzala" que, se não fosse um temperamento natural de escritor, já andaria, a estas horas, um tanto "grogue" de elogios. Mas, em Gilberto Freyre, a crítica eufórica, ao invés de perturbá-lo, age como estimulante para aguçar a sua auto-critica em face das suas responsabilidades que vão aumentando para com o público brasileiro.

Saudamos, com a publicação desses dois volumes de "Sociologia", não só o intérprete honesto e culto da nossa história social, como também o sociólogo que inicia uma obra de divulgação cultural elevada sem o ranço didático mais formal de que intime de obras dessa natureza.

"Sociologia", nos seus dois primeiros volumes agora nas livrarias, abrange o seguinte sumário: Introdução ao Estudo dos seus Princípios. Posição da Sociologia. Sociologia e Sociologias. A obra ficará completa no quinto volume, conforme notícia do seu editor, José Olympio, do Rio. Tudo o que nós esperávamos do talento, da experiência, do senso literário e da operosidade intelectual do srr. Gilberto Freyre vem se realizando com reais vantagens para a cultura brasileira.

A. J.

## O QUE DIZEM OS LEITORES

Em todos os números publicaremos, nesta secção, a opinião do leitor sobre os últimos livros de autores brasileiros.

Envie a sua opinião, datilografada a 2 espaços em uma só lauda de papel tipo carta, ao redator-chefe desta revista: Rua Real da Tôrre, 701 — Recife.

## BOLETIM CULTURAL

I Centenário do nascimento de Eça de Queiroz

Neze mês os povos da língua portuguesa irão comemorar o I centenário do nascimento do romancista Eça de Queiroz. No Recife, a Diretoria de Documentação e Cultura, da Prefeitura do Recife, instituiu dois concursos para dar maior realce aas comemorações. O 1.º consiste de 3 prêmios no valor de três, dois e um mil cruzados, nas três primeiros colocados no concurso de uma monografia sobre Eça. O 2.º, com três prêmios iguais no 1.º, para os três melhores tipos da galeria de personagens ecaianos sob forma de desenho ou pintura. A diretoria de Documentação e Cultura irá escolher quatro intelectuais para constituir a comissão julgadora. No dia 25 de corrente será dado a conhecer o nome dos concorrentes vitoriosos.

Conferências

Ainda por iniciativa da Diretoria de Documentação e Cultura, o escritor rio-grandense Viana Moog, autor de "Eça de Queiroz e o Século XIX", virá ao Recife, na segunda quinzena de novembro, realizar uma conferência sobre o romancista português.

Poesia

Cecília Meireles publicou recentemente um livro de poemas: "Mar Absoluto e outros poemas", em edição da Livraria do Globo.

## O LIVRO ESTRANGEIRO

E', na verdade, admirável o progresso a que chegou o livro argentino. Parece que para os editores de Buenos Aires não existe o problema do papel. As suas edições de arte que nos chegam as mãos são tão bem apresentadas quanto as norteamericanas. No terreno das traduções os editores platânicos são de uma atividade fantástica, o que não acontece com os nossos. Livros de atualidade, como os de Harold J. Laski, imediatamente à edição inglesa aparece a tradução espanhola. Ainda bem não lançaram um livro de sucesso na Inglaterra ou nos Estados Unidos e já os editores portenhos estão providenciando a sua tradução em castelhano. Ainda agora, depois do sucesso de "Reflections on the Revolution of our Time", o srr. Harold J. Laski acaba de publicar "Faith, Reason, and Civilization" que foi recentemente lançado pela Editorial Abril, de Buenos Aires, em espanhol.

Neste livro recente o conhecido filósofo britânico inglês realisa a sua tarefa no destino da civilização se conseguirem superar o "término de uma era".

Quando o aparecimento de "Reflexões", o crítico Max Ascoli disse: "Ningún otro sociólogo ha dado um empuje tan grande al desarrollo del pensamiento político, como Herald J. Laski".

Ensaio

"Brigada Ligeira" é o primeiro livro do crítico paulista, srr. Antônio Cândido, em edição da Livraria Martina, de S. Paulo.

## Falam os Editores:

DO RIO GRANDE DO SUL:

## "Tiarajú"

Manoelito de Ornelas, que dispõe de tantos e tão variados recursos no tratar e desenvolver os temas mais diversos, certamente não se sentiria acanhado ou tolhido na tribuna ou na catedra. Ao contrário, é bem evidente em grande porção das suas muitas páginas de crítica, a tendência para o debate e a pregação das idéias.

Publicou, em 1938, o seu "Vozes de Ariel", obra na qual aprecia o moderno movimento literário rio-grandense. "Tradições e Símbolos" (conferência), em 1940. De 1943 são os seus ensaios reunidos no volume intitulado "Símbolos Bárbaros". De 1945, "Caminhos Originais do Brasil" (conferência).

A estes livros que encontraram singular repercussão no cenário das letras nacionais, vem juntar-se agora "Tiarajú". Manoelito de Ornelas dá-nos com esta obra um admirável e emocionante poema em prosa sobre o lendário cacique das Missões, e atinge indubitablemente a um dos pontos mais altos de sua carreira literária.

(Trechos das abas do livro "Tiarajú" — Editor: Livraria do Globo — Porto Alegre, 1945).

## DE SAO PAULO:

## "Esboço de História da Educação"

Neste livro o autor, que é professor de pedagogia da Escola Normal de Pernambuco, expõe e analisa, numa síntese tão resumida quanto possível, as idéias e doutrinas pedagógicas, como as instituições escolares, da antiguidade aos tempos modernos. A exposição é clara, precisa e apoiada em boas fontes. A análise, feita sempre de pontos de vista católicos, se desenvolve com segurança e lucidez. No estudo das instituições pedagógicas, o Ilustre professor da Escola Normal do Recife prestou a devida atenção a todos os sistemas, que apresenta nas suas grandes linhas e nos seus detalhes mais importantes. Todo um capítulo é consagrado à educação das sociedades primitivas e vários outros, às instituições dos povos antigos, antes de abordar a exposição dos sistemas escolares modernos.

(Aba do livro do srr. Ruy de Ayres Bello — "Esboço de História da Educação" — Editora Nacional — São Paulo, 1945).

## DO RIO:

## "ESPIRITO DE REFORMA"

Em "Espírito de Reforma" Ademar Vidal trata de assuntos político-sociais de grande oportunidade. São doutrinas e temas que preocupam os estudiosos do mundo contemporâneo pela profundezas e inteligência que representam. Temas e doutrinas merecedores de análise para melhor debate e divulgação esclarecedora. E' verdade que alguns deles não colhem aceitação geral não só pelo exotismo das idéias como ainda por inadeguados à índole de certos povos. No entanto se mostram tão interessantes aos comentadores que não podem ficar ausentes de qualquer estudo político-social por menos conscientioso que se fizer.

Ademar Vidal faz uma longa apreciação em torno da democracia, do comunismo, etc, numa série de conferências que proferiu durante os primeiros anos da Revolução Brasileira e o faz com a proficiência de cultura, agudeza crítica e viva chama espiritual. Pela forma como escreve e pela aridez dos assuntos, estes ficam até acessíveis aos indivíduos porventura mais desinteressados dos problemas político-sociais, rumando-os por estradas que convidam a vastas excursões intelectuais.

(Trechos das abas do livro "Espírito de Reforma", editor: Livraria José Olympio, Rio, 1945).

## DA PROVÍNCIA:

## "ANTOLOGIA DE POETAS PERNAMBUCANOS"

Eis um livro destinado a obter simpatia em todos os cíntros literários.

É mais um testemunho de quanto Pernambuco trabalha pela nossa grandeza espiritual, assim observado, desde a remota inspiração de Bento Teixeira Pinto até aos estros mais novos dos seus poetas de hoje.

(Aba da "Antologia de Poetas Pernambucanos", do srr. Fernando de Oliveira Mota — Cooperativa Editora e de Cultura Intelectual de Pernambuco Ltda — Recife, 1945).

## QUE SE ANUNCIA

A PARCERIA em dezembro a primeira série de ensaios de crítica do srr. Aderval Jurema: "Jornal da Província".

"Memórias de Gandhi" aparecerá ainda este mês em tradução do srr. Lívio Xavier, edição da José Olympio.

— "Eduídes da Cunha" será o próximo livro do srr. Silvio Rabelo, na Coleção "Documentos Brasileiros".

— América-Edith anuncia para breve "4 Ensaio", do srr. Olívio Montenegro, autor do "Romance Brasileiro".

— João Conde Filho editarã um plaquette manuscrito contendo dez poemas de dez grandes poetas modernos do Brasil escritos pelo próprio punho dos autores e ilustrados por Santa Rosa e Portinari.

A edição, que será de luxo, está limitada a 80 exemplares.

— Erico Verissimo, em entrevista concedida a José César Borda, anuncia o lançamento de um próximo livro sobre a sua permanência nos Estados Unidos e, possivelmente, um romance.

"Ruy Barbosa" é a obra mais recente do professor Luiz Delgado, edição da José Olympio, um ensaio de interpretação das idéias de Ruy e da sua posição nos acontecimentos históricos de seu tempo. Este livro também faz parte da "Coleção Documentos Brasileiros", dirigida pelo escritor Otávio Tarquínio de Sousa.

# TAMBEM AS RUAS MORREM...

O passado e o futuro: a velha rua da Florentina e a projetada avenida Dantas Barreto — Uma mulher de Florença... — Doação, no século XVII, à Ordem Terceira de São Francisco — O primeiro arranha-céu — Os problemas da desapropriação

Jorge ABRANTES

ESTA com seus dias contados uma das mais tradicionais, prestigiosas e movimentadas ruas do Recife, que ainda resiste como um traço de outras eras na parte arraçada do bair-

## No tempo das maxambombas

Rua da Florentina... Assistiu, ali perto, à construção do Teatro Santa Isabel pelo engenheiro Louis Leger Vauthier, agitou-se nos transeus das agitações populares e no delírio dos carnavalescos do passado, abrigou a freguesia das maxambombas, que na altura de sua desembocadura na praça da República aguardavam a saída dos trenzinhos, sem fila nem nada. Uma das fotografias que ilustram estas notas, traz uma intensa recordação daquele tempo.



A rua da Florentina, à esquerda, numa fotografia de 40 anos atrás, onde se vê numa nota inconfundível daquele tempo: o tremzinho da "maxambomba"

ro de Santo Antônio — a rua das Florentinas, ou da Florentina, como é o mais certo. Decretable é a sua pena de morte, a ser executada, em nome do progresso, pelos soldados da Prefeitura, com os seus instrumentos implacáveis. A coisa não é iminente, mas não deve durar muito tempo até que comece a delinear-se no mesmo local o traçado da monumental avenida Dantas Barreto, constante do plano de remodelação do engenheiro Ulhoá Cintra. E enquanto isto, a velha arteria continua vivendo uma vida normal como se o término dos seus dias não fosse um evento próximo e fatal. Quem por ali passe a qualquer hora do dia, há de ter essa impressão. E' o mesmo o seu intenso movimento e só as mesmas as cônchas do seu pitoresco panorama urbano. Os vastos e sólidos armazéns — sinal e característica do velho comércio português — estão atulhados de mercadorias e os secos e molhados derramam-se quasi até às calçadas, oferecendo-se aos passantes. Casas retângulares de todo os ramos estão no ponto mais alto dos seus negócios. E o pequeno comércio ambulante ocupa o espaço dos passeios, os pontões estratégicos das esquinas e os desvãos dos becos, em tendas ou sobre o chão, onde se vêm miudezas, pequenas ferragens, hervas, louças, tecidos, livros velhos e impressos multicóres com a letra das sambas em voga. Lá também estão os caminhões passageiros e as velhas carroças puxadas por homens ou animais, na tarefa incessante da carga e da descarga. E a multidão dos fregueses, os grupos de carregadores musculosos e sujo entregues aos bate-papos das horas de folga, os pedintes, os especuladores e, afinal, a onda dos transeuntes, que passam em correntes desordenadas.

Uma mulher de Florença...

Por que Rua da Florentina? Porque — diz a crônica — ali morou uma italiana, filha de Florença. Não encontramos dados que indicassem o papel dessa estrangeira na vida íntima da rua, a sua classe social, as suas ocupações. Mas qualquer um tem o direito de usar os recursos da conjectura e da fantasia e imaginá-la uma bela peninsular, da pele morena e cabelos e olhos negros, talvez um pedaço de meu caminho... Ou seria uma comerciante operosa, segura nos cálculos e hábil na especulação? Uma coisa parece razoável: ninguém batizaria a rua com seu nome, se ela não desse na vista... E o mais é divagação inocente, para amenizar a reportagem. "Florença, Florença — a mais humana das cidades vivas, a mais divina das cidades mortas!" O vésu de destruir as tradições da cidade veio substituir, há algumas anos, o velho nome da rua pelo de João do Rêgo. O mesmo foi feito com a Rua Nova e tantas outras, mas graças a Deus voltaram as velhas, doces, pitorescas denominações. E é pena que a grande avenida que há de nascer com a morte da antiga rua, tenha que usar um nome novo, que virá apagar o antigo da memória da população.

## Um arranha-céu da Ordem Terceira de São Francisco

O repórter entrou num dos velhos armazéns da rua, o que fica numa das esquinas com o pátio do Paraíso. Queria saber como vão se atar os locatários dali com as próximas modificações. Queria também identificar a avô das casas comerciais da rua, a mais antiga. O gerente explicou:

— O problema para nós está resolvido. Este prédio e o terreno, bem como a maior parte dos destas ruas, pertencem à Ordem Terceira de São Francisco. E esta, na defesa dos seus interesses e cooperando para o progresso da cidade, vai construir neste quartelão um grande arranha-céu de dez andares, dando preferência de locação aos atuais inquilinos. De modo que nós ficaremos onde estamos... A firma aqui tem vinte e cinco anos de existência e há muitos anos está situada neste local.

## Velho patrimônio

Com esta informação, mais tarde, procuramos um dos elementos de direção da Ordem Terceira, para que nos falasse sobre o mesmo assunto, visto que é de um interesse direto para

ela. Este confirmou o projeto do arranha-céu, mas excusou-se de prestar mais informações, dizendo que se tratava de questão ligada ao patrimônio da instituição, o que o impedia de falar sem prévio conhecimento da Mesa Regedora. Esse patrimônio veio do século XVII, do ano de 1696, quando se confirmou a doação do terreno aos franciscanos, por meio de uma escritura datada desse mesmo ano, na qual se declarou que o terreno doado era o que a esse tempo existia ao lado sul do Convento, começando do muro junto da Cruzelha até o outro muro da parte do rio da Boa Vista, correndo pelo sacrifício.

nunca se positivou. Mas o que quero dizer é o seguinte: deixe-me ver... Ai por 1906, se bem me lembro, aqui neste prédio faziam uns folguedos, essa brincadeira que aqui vocês usavam... como é lá o nome?... Bom: o que sei é que andava por aqui um gajo, o Heróides... Sim, o pastoril. E esse gajo dizia umas coisas descabeladas. Santo Deus!

Que a coisa demore

Na rua da Florentina está também uma

atia da igreja, etc. Três séculos depois, vão levantar-se em parte desse terreno os edifícios de um Recife moderno, que pouca coisa será de comum com o velho e saudoso Recife de outros tempos.

Por este ou aquêle motivo, os demais inquilinos não têm entre as suas preocupações presentes o problema da desapropriação. Nenhum foi ainda notificado e um dos negociantes nos disse que no Brasil, em geral, as coisas andam muito devagar...

## Pastoril de Heróides, na rua da Florentina

Um grossista luso, gordo e risonho, depois de informar que o problema não o afeta diretamente, pois não é locatário mas sub-locatário, uma vez que o prédio pertence a uma firma de automóveis que mudou de lugar e o locou ao Instituto do Açúcar e do Álcool e este, por sua vez, sub-locou em parte à firma, puxa pela memória e tenta lembrar coisas passadas:

— Este prédio deve ser muito antigo. Aliás, de passagem, é preciso dizer que estas coisas de desapropriação não são recentes aqui na rua. Eu cheguei a Pernambuco em 1897. Era rapazola e me lembro que já o Franco, ali na esquina, andou às voltas com o problema e a coisa

das padarias mais antigas da cidade, que vêm conservando o mesmo nome apesar das periódicas mudanças de dono. Em 1915 ganhou ela o grande prêmio de honra da Exposição de Milão. O atual proprietário, conversando com o repórter, disse que desde dez anos atrás pensa em mudar-se. Com a construção do Palácio da Justiça, viu que a rua estava condenada a desaparecer. Entretanto, não tornou, ainda, nenhuma iniciativa. Mesmo, essas coisas de obras públicas estão muito ligadas à política... A situação mudou, vai mudar mais ainda e ninguém sabe o que virá. Deseja, de qualquer maneira, que o arrasamento da rua não venha logo, pois o seu comércio terá muita dificuldade para transportar-se para outros locais.

E os pequenos, a miúgalha dos ambulantes? Estes não se dão por achados. Qualquer ponto lhes serve, como nos disseram vários, acrescentando a nota da resignação:

— De qualquer jeito se vive!

Vai, pois, sacrificar-se a rua da Florentina, para que o Recife viva. Não o velho, mas o novo Recife, o Recife do futuro. Tão longo, a época e a história daquela mulher de Florença, que lhe deu o nome?

# O PRIMEIRO POETA e o Primeiro Crítico

Ovílio MONTENEGRO

SE, politicamente, a primeira reação do nosso gênio nativista, a primeira afirmação do nosso amor próprio nacional fez-se com a guerra contra os holandeses; literariamente, teria sido com a obra de Gregório de Matos. Não por nenhuma imaginação épica que nessa obra se encontre posta em função da nossa história, mas pela indole mesma da sua inspiração e do seu verbo.

E é este o motivo porque a destacamos de preferência à poesia épica do pernambucano Bento Teixeira Pinto, e meano a que segue depois.

É caso raro uma poesia da primeira idade ainda da nossa história e com o sabor crítico, a vivacidade lírica, a surpresa de idéias de muita da poesia de Gregório de Matos. E sente-se muito mais o autor brasileiro nesse poeta que se inspirou para a sua poesia na vida de costumes da sua terra do que nos outros poetas do seu tempo, naquela que voando para a epopéia atras de toparem com o gênio de Camões, não passaram da oratória; do verbo, feito só espírito ou carne, mas feito de pedra.

A poesia de Gregório de Matos, a sua poesia satírica, sobretudo, apesar de todo o gênio de burla e de troça, que a torna, em tanto tre-

cho, de um ar fescenino, encerra dentro desse humor um dos quadros mais vivos, vivissimos do drama da nossa formação étnica. Poesia em que muito nos pinta o poeta dos conflitos psicológicos e morais resultantes do encontro das três raças, donde saímos.

Gregório de Matos, esse branco mazombo, chega a dar a impressão do primeiro brasileiro bem forjado — o primeiro brasileiro saído de acordo com a nossa forma nacional — e que se tornasse então espectador da luta dos seus irmãos mais novos para se completarem a si mesmos no seu verdadeiro tipo. Mas um espectador irônico e que observasse dessa luta sobre tudo o jogo enormemente cômico das suas tradições.

Mas seja como for, pondo em verso tudo isto deu-nos o poeta balanço um dos aspectos mais dramáticos do conflito das nossas tendências racionais ansiosas pelo seu eixo de equilíbrio.

O que ainda faz desse poeta, um caso singular da nossa literatura é que apesar de todos os desrregramentos fesceninos da sua imaginação, do realismo muitas vezes cínico de tantas das suas sátiras, não é o que se possa chamar um poeta libertino. Não é como Coquillard, o mediocre poeta francês, com que tão mal o com-

param certos críticos, e que fizesse da sua mu- sa um simples jogo de libertinagem, um vício espirituoso. Pelo contrário, nota-se de vez em quando no fundo mesmo das suas sátiras mais perversas uma intenção crítica que não é despedida de senso moral.

O que, aliás, não admira tratando-se de um autor dos poderes de introspecção de Gregório de Matos, de um homem em quem a dúvida não era, como nos célicos, a base do seu temperamento. E que vacilasse entre o vício e a virtude, o amor e o ódio, a hipocrisia e a sinceridade como entre valores da mesma espécie. Gregório de Matos era um pessimista mas não era um cético.

E essa diferença bem que importa: a tendência do pessimista para a negação não se deve confundir com a tendência do cético para a dúvida.

O pessimista nega quasi sempre pela obediência de uma perfeição ideal que ele concebe em si mesmo, e com a qual os fatos da vida comum, da vida que o cerca parecem em constante e irônica des harmonia. Seja como for, porém, há uma qualidade afirmativa, profundamente afirmativa no fundo da negação pessimista.

(Continua na página 14)

Votem na casa que procura servir bem ao povo

# Casa José Araújo

BEM NA PRACINHA

TELEFONE, 6219  
Caixa Postal, 748

TECIDOS EM GROSSO

## NUNES & CIA.

Importadores e Exportadores

RUA DA PRAIA, 83 - RECIFE - PERNAMBUCO  
Caixa Postal, 745 - End. Teleg. NUNECIA  
Telefone, 6747

FILIAL - RUA PRESIDENTE JOÃO PESSOA N.º 70  
Campina Grande - Paraíba

## BAR LERO-LERO

A sua especialidade é o incomparável Nilet

PRACINHA - RECIFE

## José Lôbo & Cia.

Tubos - Chapas onduladas de cimento

## “Brasilit”

Av. Marquês de Olinda, 125  
FONE: 9293  
Recife - Pernambuco

MERIDIONAL FABRICA HORST Ltda.  
Cia. de Seg. de Ac.  
no Trabalho  
ESTADOS UNI-  
DOS  
Companhia de Se-  
guros

Tintas - Vernizes -  
Esmaltes - Thinner  
ROCCO R. J.  
ALTOSE  
Acessórios de bor-  
racha

## SOC. PERNAMBUCANA COMERCIAL LTDA.

(SOPERCOL)  
Comissões - Representações - Seguros - Conta Própria

Tele fone 9424

Caixa Postal, 192  
RUA VIGÁRIO TENÓ- Recife - Pernam-  
bucu, 33

## LABORATÓRIO FARMACEUTICO “CÍCERO DINIZ”

Sóro Fisiológico, Sóro  
Glicosado, Amps. de  
Clos. de Emetina nas  
doses de 0,01 a 0,06,  
Tártaro Esmético, Glu-  
conato de Cálcio, —

Direção técnica: —

CICERO DA FONSECA DINIZ

— AV. MARQUES DE OLINDA, 67 —  
RECIFE — PERNAMBUCO

## CAIXA DE CREDITO MOBILIARIO DE PERNAMBUCO

End. Teleg. CREDIMOBIL - Telefone, 9041  
Caixa Postal, 649

AVENIDA RIO BRANCO, 23 -- RECIFE

### DEPOSITOS GARANTIDOS PELO ESTADO

Paga as melhores taxas de  
juros aos seus depositantes

C/C de movimento - retiradas livres . . . . . 4% a/a  
C/C populares - limites de Cr\$ 10.000,00. 6% a/a  
C/C aviso previo de 10, 20 e 30 dias pa-  
ra retiradas, até 30, 60 e 100 % a/sobre o saldo da conta . . . . . 6% a/a

## Empreza Construtora Universal

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DE SORTEIOS DO BBASIL

Matriz: Avenida Rangel Pestana, 1538 - São Paulo

♦ ♦ ♦

Agente Geral no Estado de Pernambuco:

AUGUSTO MENDONÇA

Edif. Sloper - Rua Nova - 1.º andar - Sala 13 - Tele. 6978

Alguns dados comparativos do movimento da

## “SUL AMERICA”

Companhia Nacional de Seguros de Vida

ATIVO EM 1896 — 1.º Exercício — Cr\$ 5.375.838,90  
ATIVO EM 1944 — 49.º Exercício — Cr\$ 706.788.070,10

### CARTEIRA DE SEGUROS EM VIGOR

Em 1896 — 1.º Exercício — Cr\$ 12.023.000,00  
Em 1944 — 49.º Exercício — Cr\$ 4.175.139.999,00

Pagamentos a segurados e beneficiários

Desde a fundação: — Cr\$ 695.755.335,50  
Em 1944: — Cr\$ 47.587.642,00

Sucursal em Pernambuco: — Rua Sig. Gonçalves, 91 — Edif. “Sul América”



## “Como Era Verde O Meu Vale...”

Socrates Times de Carvalho

QUANDO, em 1922, o COMERCIAL, de São Paulo, visitou o Recife, a preliminar do jogo contra o selecionado local foi disputada entre o quadro da Imprensa e o 2.º time do Varzeano Futebol Clube, agremiação filiada à antiga LPDT e participante do campeonato do Estado. A fotografia que ilustra esta crônica, além de oferecer uma agradável reminiscência aos seus integrantes, aguça a curiosidade dos apreciadores do popular jogo bretão. Pena é que também provoque uma comparação pouco recomendável para os nossos dias de hoje.

Bastaria a própria posição dos jogadores para indicar que a fotografia é antiga. E de outros tempos. Porque embora pareça sem importância, a verdade é que a distribuição revela método, disciplina. Pode ninguém reconhecer, ou mesmo conhecer, o centro atacante. Mas sabe que é, dos cinco sentados, o do meio. Assim também como sabe que o triângulo era, de fato, composto pelos três jogadores que estão de pé. E não tem nenhuma dúvida de que a linha média era formada pelos outros três jogadores ajoelhados. Na mistura das fotografias de hoje, bem que essa é um indicio de ordem.

Mas, se isso não bastasse, o chapéu, o colarinho e o colete do tenente Colares — efetivamente o elemento mais reconhecível dessa foto, porque é o único que continua na estacada, e é all, no pé da conversa, firme no seu posto de marechal — indicariam outros tempos, embora não tão distantes quanto possa supôr um calculista apressado que se oriente pela fisionomia atual do atual secretário da Federação Pernambucana de Desportos... E a pôse do juiz — esse de junto do Colares — de camisa com os punhos e colarinho engomados, e de gravata-borboleta? E os calções dos dois jogadores ao lado, que outros não são senão dois grandes aces do período áureo do futebol pernambucano e que integraram o

selecionado no encontro daquela tarde — José Péres e Osvaldo Guimarães — mostram que aquela época ainda não havia racionalização alguma: nem de pano nem de compostura.

\* \* \*

Quem são, afinal, os jogado-

res do time da Imprensa. Qual foi o resultado do jogo? Quais foram os goleadores? Atendemos a essa natural curiosidade dos leitores.

Primeiro, expliquemos: o centro médio e o zagueiro esquerdo são estranhos ao nosso meio. Eram dois jornalistas de São Paulo que acompanhavam a embaixada do COMERCIAL em

sua excursão. Foram incluídos no quadro que representava nossa imprensa como uma homenagem à imprensa paulista. O engenheiro Carlos Guião e o bacharel Luiz Zico defenderam ardorosamente as cores dos seus colegas pernambucanos. Tanto assim que a defesa do esquadrão da Imprensa não caiu uma única vez sequer.

Os rapazes escreviam bem tanto na banca como no gramado. Venceram de 4x0. O meia-direita marcou três goals e o centro-atacante fez um. Quem será esse meia-direita furor, “scorer” da tarde? Ora, amigos, é o nosso conhecido jornalista e poeta... Quem?... Hercílio Celso, senhores!...

E o centro-atacante? Ah!, se eu lhes disser que esse rapaz sentado, com as pernas cruzadas e os braços cruzados por cima das pernas, esse rapaz “cavado”, que não podia se enganar com a calvice devastadora que o aguardava, esse centro-avante do quadro que defendia as cores da Imprensa de Recife, é... Vejamos se eu consigo puxar pela memória de vocês e se vocês conseguem — já que, não existe perigo algum... — fazer um ligeiro “reconheci-

\*

## O Marechal De Nossa Futebol

MUITA gente por ai estranha a teimosia com que o tenente Colares insiste no seu Flamengo. “Muita gente”, aliás, é fraqueza de expressão. Porque a verdade é que 99% dos desportistas estranha a caturrisco do tenente. E convenhamos que 99% não é “muita gente”: é toda a gente. Só mesmo o sistema de eliminatória, que precedeu ao atual campeonato, seria capaz de afastar o Flamengo da disputa do certame de 1.ª categoria. Só mesmo uma lei seria capaz de impedir que o Flamengo entrasse em campo para enfrentar os chamados clubes fortes. Sim, porque com o tenente Colares, lei é lei, e pronto. Não interessa que ela seja dura ou mole. Ei lei, e é o quanto basta: cumpra-se!...

Enquanto não houvesse uma determinação que proibisse expressamente o Flamengo de pisar no gramado para competir com um adversário visível e comprovadamente superior, o Flamengo continuaria no seu posto. E, ainda assim, era necessário que essa determinação não afetasse, especificamente ao Flamengo. Era preciso, portanto, que todos os clubes, todos eles, estivessem sujeitos à mesma emergência, numa situação de igualdade. Fora disso não haveria acordo. Ou melhor, não haveria rendição.

Não seria aquela tunda de 16x2, perversamente infligida pelo América no final do campeonato do ano passado, que de-

pois renhido campeonato de

mento... Esse antigo deanteiro da Imprensa de Recife é, hoje, um beletrista festejado, membro de reale da Academia Brasileira da Letras. Nada ainda? Pois então, ouçam mais: é redator-chefe de um dos mais antigos e acreditados jornais da metrópole, é um ex-deputado federal, líder de sua bancada... Valeu? Não? Verifico que vocês estão realmente com a memória estragada... E não quero mais obrigar-lhos a novo esforço mental. Eis o homem: é o ilustrado presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, candidato a governador do Estado, a ex-vice, o sr. dr. Barbosa Lima Sobrinho.

Cícero Brasileiro — o irmão do sempre saudoso Ulysses Pernambucano — e Mavieal do Prado, perdão, os drs. Cícero Brasileiro e Mavieal do Prado defenderam as cores do IMPRENSA. Jogaram e estão ai

## Quem É O Bamba?... Rio Ou São Paulo?

AO invés de campeonato brasileiro, teremos, este ano, a disputa de várias Copas e Taças. Estavamos, mesmo, precisando de uma variação... Porque o chamado “certame nacional” entrou num círculo vicioso de tal sorte que desembcou para a monotonia. Nenhuma emoção. E interessante, só financeiro... Não é outra coisa aquela modalidade, engenhosamente arrumada nos últimos, de “melhor de cinco” em lugar de “melhor de três”. Depois, não há paciência nem boa vontade que resista ao matemático e enervante resultado: ou Rio ou São Paulo.

Causa até espécie que, anualmente, todos os Estados da Federação façam tanto esforço e se sujeitem ao mesmo esbulho. Quando os jornais publicam a programação do campeonato brasileiro, qualquer cego, se quiser, pode ler logo a manchete com que a imprensa estampará a notícia derradeira: OS PAULISTAS VENCERAM, ou, então, OS CARIOCAS TRIUNFARAM...

\*

\*

Mas, passemos um relance pelos quadros do último certame e indaguemos onde está a “superioridade” de um ou outro. Enquanto o selecionado de São Paulo lutava pela SUPREMACIA DO FUTEBOL PAULISTA e tinha sua linha desastre composta de Luizinho, Serviço, Leônidas, Remo e Hércules, o selecionado carioca combatia pela SUPREMACIA DO FUTEBOL CARIOCA e apresentava sua linha atacante formada por Pedro Amorim, Ademir, Pirlito, Pericílio e Djalma. Dos cinco componentes da linha PAULISTA dois eram mineiros, dois cariocas e um baiano... Dos cinco integrantes da linha CARIOCA um era pernambucano, um alagoano, um baiano, um mineiro, e o outro, gaúcho... E haja uma interessantíssima disputa em “melhor de cinco” pela superioridade do futebol paulista ou carioca... Quem é o bamba?

\*

\*

NORDESTE, em seu primeiro número, tem a satisfação de apresentar através de sua página desportiva, uma sugestão que ponha fim a essa peleja que são, antes de tudo, uma “disputa” pelo que é dos outros. Não que NORDESTE tenha a ilusão de que seu grito chegue a reboar pelas sólidas paredes cedentas, nem que seu choro vá reverberar nos

\*

\*

também sólidos timpanos dos dirigentes daquela entidade. Seu intuito é o de que a FEDERAÇÃO PERNAMBUCANA DE DESPORTOS considere sua sugestão e seja porta-voz de uma ideia que concentrará, sem dúvida, o desejo de todos os Estados brasileiros constantemente absorvidos pelas falsas representações do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Encabeçando um movimento que se bota pela constituição de selecionados estaduais compostos exclusivamente de elementos “da terra”, por certo que a F. P. D. aglutinaria o direito e o desejo de todos os filiados à C. B. D., e que todos os anos se inscrevem numa disputa sem a menor esperança de vitória. A F. P. D., portanto, conduziria um movimento nacional. Seria a dirigente de uma transformação significativamente triunfante.

Porque o Páris apoiaria a modalidade que lhe permitisse, por exemplo, a convocação de Chico, de Vevé e de Piñeyras. E a Bahia, podendo requisitar Pedro Amorim e Serviço para composição de sua ala direita, ou Minas Gerais, tendo o direito de chamar Procópio, e Jaime, e Remo, as suas fileiras, seriam decididas e estuviastas solidárias à ideia defendida pela F. P. D., que a seu turno teria a possibilidade de apresentar em campo uma representação que ofereceria o espetáculo de uma linha atacante integrada por Chico, Ademir, Tard, Orlando e Síduca.

Aproveitemos o intervalo deste ano e tentemos a iniciativa. Começemos a ofensiva: cada Estado representado pelos seus próprios filhos!

\*

mento... Esse antigo deanteiro da Imprensa de Recife é, hoje, um beletrista festejado, membro de reale da Academia Brasileira da Letras. Nada ainda? Pois então, ouçam mais: é redator-chefe de um dos mais antigos e acreditados jornais da metrópole, é um ex-deputado federal, líder de sua bancada... Valeu? Não? Verifico que vocês estão realmente com a memória estragada... E não quero mais obrigar-lhos a novo esforço mental. Eis o homem: é o ilustrado presidente do Instituto do Açúcar e do Álcool, candidato a governador do Estado, a ex-vice, o sr. dr. Barbosa Lima Sobrinho.

Na fotografia. Na defesa ou no ataque? Bolas, que vocês, também, são péssimos fisionomiastas. Conquanto pacatos, eram da ofensiva. Olhem-nos aí sentados, compondo a ala canhota!

E o outro atacante, parceiro de Hercílio, o goleador? Esse sofreu uma transformação: era incapaz de arreganar nos campos de futebol e vive hoje eternamente às turras nos tribunais trabalhistas: dr. Prudenciano de Lemos...

Ali está a ofensiva do quadro da Imprensa: Prudenciano de Lemos, Hercílio Celso, Barbosa Lima Sobrinho, Cícero Brasileiro e Mavieal do Prado.

Jogariam em sistema W... \*

Na linha intermediária somente o eixo era estranho. (Continua na pág. 19)

# Antecedentes de Autonomia em Pernambuco

Mário Melo

(Conclusão da página 3)

dado a Pernambuco, e que tudo se reponha no mesmo estado, até eu mandar tomar na matéria que se fica vendo, a resolução que for servido, do que vos mandarei avisar. Escrita em Lisboa aos 15 de abril de 1659 — Ralha".

(Revista do Instituto Arquelógico Pernambucano, n.º 54, pg. 161).

Naturalmente os pernambucanos tomaram logo, por ver que o desprestigiado fôra o governador geral.

Barreto pediu imediatamente demissão "porque não me atrevo a servi-lo (ao Rei) entre desobediências e supostas culpas castigadas", mas não lhe foi concedida. Também Vidal continuou, até que foi governar Angola.

Sucedeu-lhe, em 1661, o almirante Brito Freire, que tomara parte na última fase da expulsão dos holandeses.

Quase nada se sabe de seu governo, mas é bem possível que não haja dado freio aos pernambucanos.

Seguiu-se-lhe Jerônimo de Mendonça Furtado, que o povo alçou de Xumbergas, tendo ficado no linguajar o verbo "xumbergar", com o significado de tomar bebida alcoólica, embriagar-se.

Foi nesse tempo que o Conde de Óbidos, governador geral do Brasil, a propósito de organização de Terços, escreveu, ao mestre de campos Dom João de Sousa, longa carta em que há este trecho:

"Aqui vi uma petição, assinada pelos capitães que haviam de ficar reformados. E não é tanto para estranhar o excesso das razões que achou a inconsideração das suas votas (sempre sendo muito mal fundada) como a dissimulação de seus Cabos; pois se impõe sempre a elas (ou pelos teriam mal disciplinados, ou por entender que tacitamente se conformou as suas ações) o descrédito de semelhante absurdo: porque a nação portuguesa está muito bem avaliada: e isto

estava doente e velho e preferia a paz de seu engenho, porém o sacrifício lhe foi imposto até que substituto lhe dessem.

E como procedeu a Coroa, deante da insubordinação dos súditos que depunham o governador por a majestade nomeando, e o devolviam preso?

de motins, e tumultos, só se acabam donde há concurso de outros. As ordens reais não de se guardar com uma obediência mui cega. E só nessa se mostram bem as prenúnrias dos que pesam o que são. Mas como essa Capitania se imagina hoje República livre; bastam os exemplos que tem para o melindrar com que todos andam, até nas maiores obrigações que lhe tocam". (Carta de 30-12-1664. DOCUMENTOS HISTÓRICOS, vol. IX, ps. 212-216).

Note-se que o Conde de Óbidos fôra quem sucedera a Francisco Barreto. Pernambuco estava como ao tempo em que o governador Vidal de Negreiros: julgando-se República livre.

E era mesmo. O governador Jerônimo de Mendonça Furtado caiu na antipatia. Era preciso que dele se libertassem os pernambucanos. Entraram a conspirar. Da conspiração faziam parte o próprio D. João de Sousa, destinatário da carta acima, e Antônio Dias Cardoso, comandante do outro regimento.

Na tarde de 31 de julho de 1666, o governador foi preso e deposto e mandado para Lisboa. Ainda hoje o folclore o recorda:

O Mendonça era furtado  
Pois dos paços o furtaram;  
Governador governado,  
Para o reino o despacharam.

A Câmara de Olinda comunicou o caso com toda simplicidade ao governador geral e a André Vidal de Negreiros. E o governador geral, que já sabia que os pernambucanos se julgavam em República Livre, não só se limitou a acusar a comunicação — "fiquei entendendo a deliberação com que os povos dessas Capitanias se determinaram em depôr do governo e haverem preso a Jerônimo de Mendonça Furtado" — como nomeou André Vidal de Negreiros para o governo da Capitania. Houve, talvez, o receio de que não deixassem outrem desembarcar e sabia-se que André Vidal de Negreiros era persona grata, estimadíssimo e, pelos seus antecedentes, obedecido.

Estava doente e velho e preferia a paz de seu engenho, porém o sacrifício lhe foi imposto até que substituto lhe dessem.

E como procedeu a Coroa, deante da insubordinação dos súditos que depunham o governador por a majestade nomeando, e o devolviam preso?



*Os melhores produtos nos seus mais lindos e variados sortimentos, apresenta a*

**Companhia Fiação e Tecidos de Pernambuco S. A.**

**Capital: Cr\$ 29.600.000,00**

**Tricolines - tipos Sonia - Celina.**  
**Os afamado brins Volga e 777**

**Exijam sempre, como certificado de garantia, a marca TORRE**

O governador geral comunicou à metrópole o que acontecera em Pernambuco.

Procure-se qualquer reclamação na seguinte carta-régia, dirigida à Câmara de Pernambuco, (Olinda), ostensivamente cabeça da conspiração:

"Eu el-rei vos envio muito saudar. Enquanto não chega governador a essa capitania, fui servido encarregar do governo dela a André Vidal de Negreiros, por entender o fará com todo o acerto, que pede meu serviço, na forma da carta que lhe mando escrever, e ele vos mostrará, do que vos mando avisar, para que o tenhais entendido e cumprais, e façais dar cumprimento às suas ordens pela maneira decretada, como eu espero de vós. Escrita em Salvador de

Magnos, a 19 de fevereiro de 1667 — Rey". (Revista do Instituto Arquelógico Pernambucano, n.º 54, pg. 176).

A vista desses fatos, perfeitamente documentados, será muito de estranhar que os pernambucanos se tenham levantado em 1710 contra o governador Sebastião de Castro e Caldas, o tenham metido numa emboscada, hajam atirado contra ele, o obrigaram a fugir para a Bahia, e por fim o cabem do movimento — Bernardo Vieira de Melo — propusesse fazer de Pernambuco República livre, quando, cerca de meio-século antes um governador geral do Brasil notara e estrevera que a capitania que expulsara os holandeses já se julgava República livre?...

**O Primeiro Poeta e o Primeiro Crítico**

(Conclusão da página 11)

mista, que não tem nunca o ar velutoso e cínico da dúvida do cético.

No pessimismo mais tórrido não é difícil encontrar um espírito de luta, uma vontade de resistência, uma audácia contra o destino. O deserto que à cesta de negociação o pessimista faz em torno da vida não exclui a visão de uma miragem. Mas o espírito suíl de que se nutre o cético é sempre o da contradição: é o homem de todos os pontos de vista.

Dai o não sei que de impio, de surdamente immoral, e de misteriosamente inhumano que transparece da crítica de todos os céticos. Qualquer coisa de intimamente perverso e hostil à vida, e que afinal repugnaria à obra de um pessimista.

Na crítica de Gregório de Matos não se desobre nenhum desses segredos de íntima, profunda e universal dissolução das obras negativistas por natureza. As saíras do poeta baiano que parecem de um impulso mais rancoroso ou de um acento mais burlesco, estas mesmas, trazem, num verso e noutro, alguma coisa de afirmativo e humano que lhes abrandra o fogo de inferno.

De Gregório de Matos pode-se dizer que foi o primeiro autor introspectivo do Brasil; foi o primeiro poeta a tirar de si mesmo, das suas inquietações interiores, dos seus sentimentos, das suas idéias, motivos de poesia. E de nenhum homem que se volta para si mesmo, que se interna na sua própria alma doido por interpretá-la nos seus menores impulsos, seria justo dizer que perdesse a fé no seu destino, ou fizesse da vida um jogo de perde-ganha. E antes um ho-

mem que luta contra todos os azares do seu temperamento para se renovar e melhorar.

Com todos os defeitos que não seria difícil destacar da poesia de Gregório de Matos, ele foi uma prodigiosa exceção na primeira vida literária do Brasil. Trinta e cinco anos de vida passados em Portugal, e pegando aí o período das mais fortes reações individuais, que é o da adolescência, não fizeram murchar nele a independência de espírito, nem tão pouco o fizeram de um tipo europeu. O que há de influência do classicismo português daquela época na sua poesia não dá como em tantos outros para des caracterizar a personalidade do autor. Não existem sanduiches de Coimbra nos seus versos, sentimentalidades literárias em torno do Tejo e do Mondego, a preocupação de um estro requintado e vernacularmente puro em que se excederam os melhores dessa geração de precursores: os Duírios, os Basílios da Gama, os Cláudios, etc.

A maior influência sobre Gregório de Matos foi, como propriamente destaca José Belchior, dos dois poetas espanhóis Gongora e Quevedo. Mas uma influência que não deu para dissipar o espírito brasileiro da obra do poeta baiano. Daí poder dizer Silvio Romero dessa mesma obra: "que é o documento por onde podemos apreciar as primeiras modificações sofridas pela língua portuguesa da América".

Depois de Gregório de Matos, até o século XIX, ou melhor até Gonçalves Dias, de um modo geral pode-se dizer que foi a literatura do Brasil uma literatura passiva, sem a reação de nenhum espírito crítico, ou de qualquer sensibilidade mais ativa posta em consonância com a realidade da terra.

## CARTA ABERTA

## Aos Produtores Nacionais

Seria demais de nossa parte pretender nesta despretenciosa carta aberta aos produtores nacionais dar lições de arte cinematográfica. Aos técnicos, exclusivamente, compete o assunto. Queremos, sim, falar aos que intentam fazer cinema, no Brasil, para levá-las a nossa crítica honesta, que procede da observação atenta de todos os ângulos da indústria nacional de filmes que, há longos anos, luta para obter as vantagens de uma situação mais definida, que lhe permite galgar, sem dúvida, um plano mais elevado.

O imenso campo de atividade do cinema não pode ser dominado de uma só vez. Nem se o pode medir ou comparar, como geralmente se faz, é que seria, realmente, pretender chegar a conclusões falsas, principalmente quando se visa o ponto de vista puramente artístico. Nesse particular, chega a ser inútil anotar pontos de referência entre o cinema brasileiro e o norte-americano, que universalizou a arte, à custa de fabulosos capitais, e goza, hoje, de uma situação que a nenhum outro será dado desfrutar, pelo próprio desenvolvimento a que o lado industrial atingiu. São fatores ou contingências que não queremos analisar nesta oportunidade.

O que nos move, dirigindo-nos aos produtores nacionais, é tão somente a análise imparcial e despaixonada do cinema brasileiro, cujas atividades vemos, desde há muito, acompan-

hando com natural interesse.

Não há, digamos com franqueza, indústria organizada, no país, para a exploração da cinematografia. Parece-nos — e nada autoriza pensar o contrário — que ela está intimamente ligada ao negócio de filmes, à sua industrialização, dependendo desta, em parte, o êxito artístico, pela obtenção dos necessários recursos financeiros. Naturalmente, são duas máquinas que se movem em direções opostas, mas paralelamente uma à outra, ligadas pelo objetivo comum que é fazer cinema. Tanto mais harmônica é essa configuração de inteligências e atividades, tanto mais brilhante a tarefa será executada. E o julgamento final pertence ao público.

Mas, no Brasil, não se pensou ainda em fazer cinema, como coisa séria, em verdade. Quanto mais se terá intenção de fazer filmes, com maior ou menor dose de boa intenção.

O que se tem atirado à tarefa de produzir, entre nós, o fazem como que movidos pela certeza de um sucesso que não têm o direito de esperar, uma vez que lhes falecem as necessárias credenciais para levar a cabo a empresa.

A cinematografia depende, sobretudo, da técnica. O afastamento das suas leis básicas importa num fracasso inevitável.

De elemento humano capaz, sobretudo, se ressentir o cinema brasileiro e não encontramos explicação para o fato de

não terem ainda sido chamados a colaborar, senão os maiores engenheiros de som, "cameramen" ou diretores estrangeiros, pelo menos pessoas que nos possam mostrar os segredos mais superficiais dessa técnica que nos tem faltado.

A nossa "equipe" de técnicos não possui experiência a não ser aquela muito elementar conquistada sem disciplina dentro dos nossos incipientes estúdios, onde quasi tudo é improvisado.

No caso de que se trata, o fator boa vontade ou ainda menoridade nada significa, porque o tratamento ou a linguagem cinematográfica não dependem dele, de nenhum modo, sendo antes um resultado de vários procedimentos técnicos intelligentemente jogados. O limite é o mesmo para todos, dentro do estúdio cinematográfico mais ou menos organizado e aparelhado. Cumpre aos que manejam o seu material saber fazê-lo, e disso não há para onde fugir: ou se é competente e se atinge plenamente o objetivo, ou se revela incapaz e, nesse caso, o resultado é negativo. A luta, por exemplo, que se nota entre os vários estúdios norte-americanos é uma competição de valores, apenas de valores, porque os recursos que as diversas organizações dispõem são quasi idênticos.

Mas há, todavia, os valores pessoais em choque, daí a luta pelos diretores, produtores, argumentistas, intérpretes, que são regiamente pagos para vencer essa concorrência. Eles podem,

em troca, oferecer idéias originais, dignas da admiração das platéias.

Fazer cinema é tarefa que requer, sobretudo, conhecimentos sólidos do "metier", adquiridos à custa de grande experiência própria. Ninguém pode, com efeito, rodar um filme pelo simples fato de querer fazê-lo.

Naturalmente, nada mais lógico do que isso, mas é, em tudo, esse o nosso cinema, a verdadeira situação do cinema

specializado na arte das imagens.

E' isso, precisamente, o que falta ao cinema brasileiro: é-se estágio, esse aprendizado inicial, que possibilita aos nossos os conhecimentos mínimos.

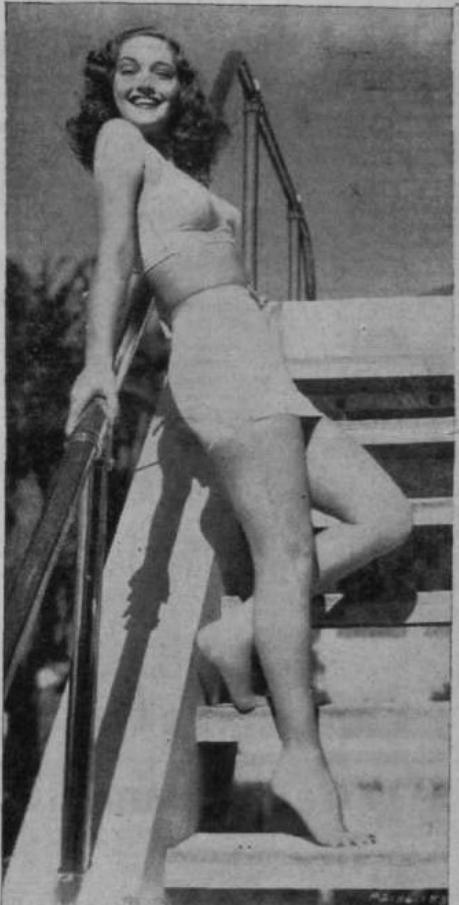
Sem essa iniciação indispensável, estacionaremos na platéia, como até agora, e do cinema nacional nada será justo esperar a não ser amontoados de tomadas teatrais, sem nenhum senso cinematográfico.

Afinal, os nossos produtores precisam de se compenetrar, de uma vez por todas, que cinema tem ritmo, tratamento, movimento próprio, tanto mais afastado do teatro e seus vícios quanto mais puro.

Concluindo diremos que a sensação do profissional, mais do que a incapacidade dos nossos diretores e a pobreza dos nossos estúdios deve-se o fracasso das nossas atividades cinematográficas em geral. Esses profissionais, já o dissemos, não podem ser encontrados entre nós, mas procurados lá fora — o que, de resto, não representa nenhum desdouro.

Volvemos, assim, a repetir, destas colunas, o nosso refrão: permanece inexplorada uma grande fonte de riqueza no Brasil: o filme nacional.

## DOROTHY LAMOUR



A escultural ESTHER WILLIAMS

SOCIEDADE COMERCIAL  
CASA REX S. A.  
RECIFE

pelo seu

Clube de Mercadorias

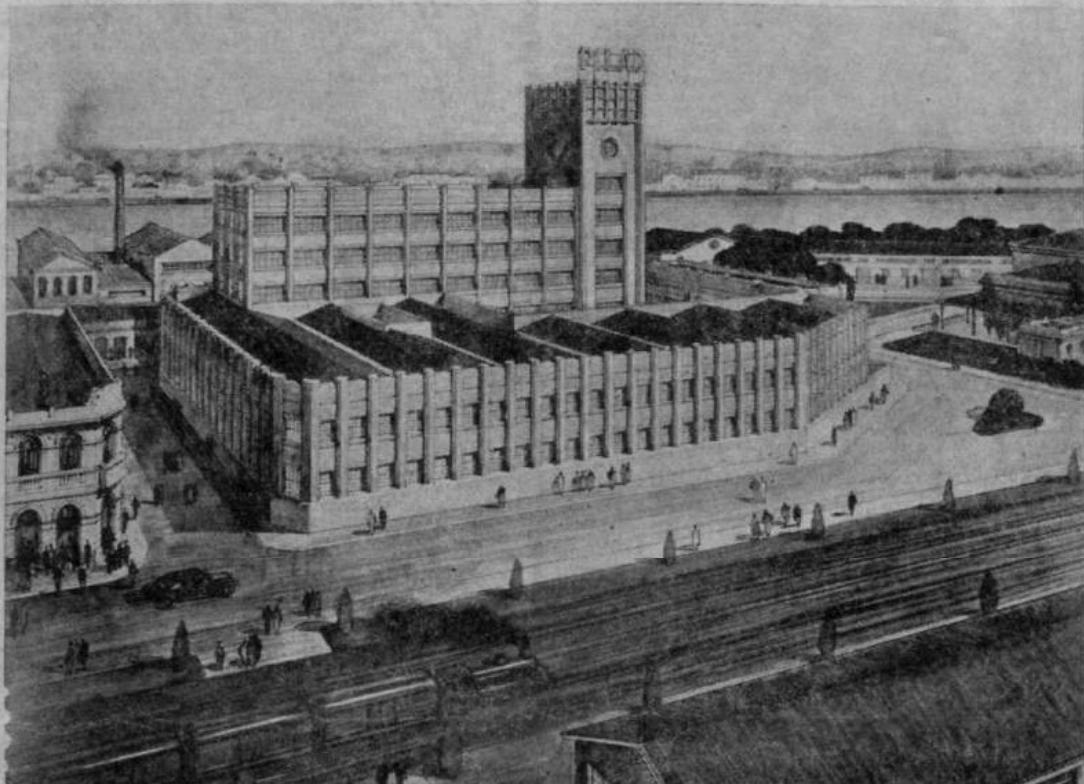
Distribue:-

Jóias  
Rádios  
Cristais  
Baixelas  
Relógios  
Faqueiros  
Porcelanas

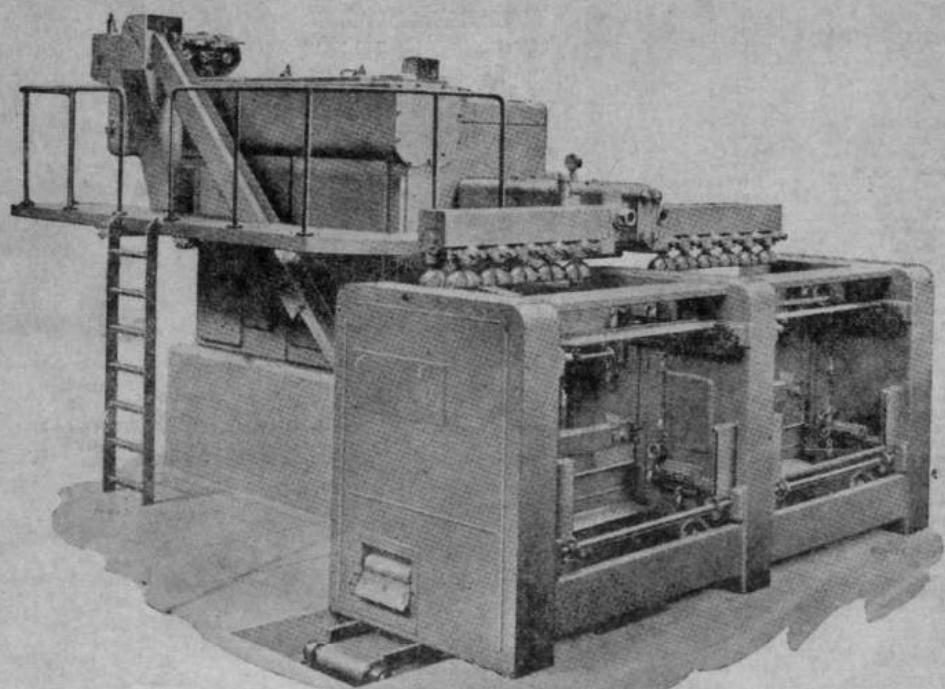
Refrigeradores  
Cortes de linho  
Canetas automáticas  
Objeto de adorno  
Perfumes  
Artigos para homens  
Artigos para presentes

# Companhia Produtos Pilar S. A.

**ESTABELECIDA EM 1875**

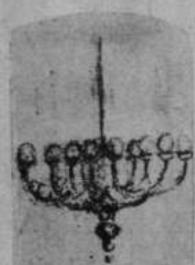


A FÁBRICA DO PALÁCIO DE VIDRO



MODERNA INSTALAÇÃO PARA MASSAS ALIMENTICIAS  
(A MAIS MODERNA NO MUNDO) QUE SERÁ INAUGURADA  
DENTRO DE POCOS DIAS

# Um Conto de Aventuras



sem dificuldades aos que a sentem, em qualquer parte do mundo em que se encontrem.

Pois vou contar-lhes a aventura do barão Rosenthal, se é que já a não conhecem pelos diários, que naturalmente transcreveram o resumo das notícias publicadas sobre o assunto nos jornais do Rio.

O mar estava gelado e poucos tinham o valor de arriscar-se ao res-

umensa, que atraía todos, os olhares e lhe dava o ar asturdo de ídolo asiático.

O marido estava cheio de satisfação. Aquela curiosidade brutal, aquela ar passado de desejo, admiração e inveja, era uma saudosa homenagem à sua vaidade de homem rico e generoso, que possuía uma mulher bonita e podia enfeitiá-la como se fosse uma cortesã.

As curiosidades iam chegando por grupos. Todas as mulheres ociosas do Rio, a alta sociedade, se apertava naquele rendez-vous de luxo adventício. Os convites eram disputados, apelavam-se às relações, surgiram empenhos, até entrou em jogo o dinheiro...

Um jornalista meu amigo me assegurou que uma família conhecida, os Silva Bastos, vendiam por Cr\$ 200,00 o seu convite.

Gente de bom senso, pois perdia o espetáculo, mas a Light não lhes cortaria a luz... Até se improvisou um revendedor, como para os bilhetes de teatro...

Quanto exagero, meu Deus! Enfim, os salões de Anita Rezende se achavam repletos de gente amiga de "patins", impacientemente atraída aquela cerimônia de apresentação do colar à sociedade. E as visitas mal

Rosenthal o acompanhava ao teatro, levava-lhe a última novidade literária, apresentou-o a um excelente professor de línguas e facilitou a entrada da senhora nas grandes casas de modas. Deram a entender mais tarde a Rezende que o barão receberia comissões de diversas casas de negócio, para as quais encaminhava os estrangeiros. Rezende não compreendeu bem o que não quis acreditar. O fato é que cada vez sentia pelo barão maior entusiasmo.

Falou-lhe vagamente de uma joia com a qual desejava presentear à sua mulher, coisa que chamasse a atenção, que deslumbrasse nos seus compatriotas, quando regressasse ao Rio. O barão aconselhou um colar de pérolas. Era o mais distinto e o que convinha para a adorno da senhora, em cujo colo moreno e bem modelado, a brancura da pérola resaltaria como em um estúpido.

— Mais não tenho prece... — declarou Rezende — vou procurá-lo com calma e, por seu lado, se souber

franamente que o banho produziria. Além disso convinha prolongar a hora da praia e retardar, quanto possível, a hora do almoço, pois que, depois de lá, nada havia o que fazer senão dormir.

A conversa de Cláudio, sempre atraente, era o remédio contra o tédio que, às vezes, começava a apoderar-se daquele ambiente.

O que lhes vou contar aconteceu em um grande baile, dado por madame Rezende, aquela maravilhosa Anita Rezende, que tanto furor causou em Buenos Aires, há coisa de dois anos.

Décimo aniversário de casamento, ao que me parece. O mais distinto do Rio acorreu aos seus salões, não só para facilitar o casal, como também e principalmente, para apreciar o colar comprado em Paris, cuja estréia Anita fez habilmente anunciar por uma amiga íntima, juntamente com o prego: 500.000,00 cruzeiros, aproximadamente 250.000 pesos!

— Caramba, que colar!

— Pérolas como nunca vi, co-

mo nunca pensei pudesssem exis-

ter...

— Seriam muito grandes...

— Enormes, mas não só isto — de uma regularidade de forma que nem artificialmente se conseguia obter e todos igualavam de um oriente poderoso: em cada uma delas se resumia o incomparável fulgor do arco-íris...

— Aquela grupo despicante, que recebeu as primeiras palavras de Cláudio com um ar de mofa e provocação, se pôs a escutá-lo com mais atenção do que um pregador de Quaresma.

Não podia deixar de ser atraente a história de uma mulher, dona de semelhantes pérolas...

— Anita perdeu um pouco de ser natural com aquela joia

envolviavam umas felicitações adequadas ao aniversário com um apertado abraço ao dono da casa, dirigindo-se furiosamente para a senhora, olhando avidamente para o colo carregado.

Formaram-se grupos, começou o baile. Rezende foi conversar com os amigos. Podia deixar o salão, pois naquela hora não era muito provável que chegassem mais convidados.

Onde alguém da casa estivesse, as conversações se arrastavam pesadamente: só se queria saber do colar e ninguém se sentia com valor para fazer perguntas às pessoas da família. E era uma lastima, porque Rezende só esperava um pretexto para desembuchar, para contar tudo: onde encontrou aquela estupenda joia, as peripécias que ocorreram, o dinheiro que desembolsara...

Por fim, não pôde conter-se e a um elogio do ministro da Polônia, que achava as pérolas "epatantes, mon cher, epatantes", foi narrando a sua história daquele colar sem história.

Comprou-o em Paris na rua La Paix. Quem descobriu a joia magnífica, única, foi o barão de Rosenthal, presente à festa.

O barão lhe fez apresentação no Touring Club por Sousa Lima e pouco depois já eram intimados. O barão, judeu francês, um desses homens indefiníveis, com negócios raros de minas, bancos e sociedades anônimas,

que atraía todos, os olhares e lhe dava o ar asturdo de ídolo asiático.

Rezende nunca soube de onde veio, para onde ia, nem qual era a sua missão que o fizera descer a este planeta de alguma nebulosa.

Parecia rico, gastava muito, com superioridade. Conhecia intimamente os braços típicos da França.

Inteligente, alegre, servicial, com uma noção muito precisa do pudor, fazia-se necessário em cinco minutos depois do conhecido. Em todos os casos de ofensa, de dignidade ferida, a primeira pessoa em quem se pensava, em Paris, era no barão, que sempre encontrava um gesto especial para regular casas contendas e era uma testemunha soberba, quando o duelo se fazia necessário.

Rezende, recém-enriquecido por uma herança quasi imprevisível, aturdido em Paris, onde não conhecia ninguém, falando com dificuldade um francês colonial, deu-se conta imediatamente de que o barão era a pessoa providencial. E o atraiu.

Rosenthal o acompanhava ao teatro, levava-lhe a última novidade literária, apresentou-o a um excelente professor de línguas e facilitou a entrada da senhora nas grandes casas de modas. Deram a entender mais tarde a Rezende que o barão receberia comissões de diversas casas de negócio, para as quais encaminhava os estrangeiros. Rezende não compreendeu bem o que não quis acreditar. O fato é que cada vez sentia pelo barão maior entusiasmo.

Falou-lhe vagamente de uma joia com a qual desejava presentear à sua mulher, coisa que chamasse a atenção, que deslumbrasse nos seus compatriotas, quando regressasse ao Rio. O barão sabia que ele ia desaparecer, e desse mesmo modo, com uma pressão no comutador, a casa às escusas. E' clássico. O que você quer é embrumar-nos...

— Esperem, vamos ver, a coisa é mais interessante do que parece — replicou o narrador.

Um estupor corre por toda a sala. As mulheres instintivamente tocam nas suas joias. Madame Rezende dá um grito: — Desapareceu o colar!

Um dos convidados que era, por coincidência, autoridade policial, crê que é seu dever intervir sem tardança. Muito nervoso bateu palmas e de um grito fez cular a orquestra. Chamou o dono da casa e ordenou que fizesse vigiar as portas, impedindo que saisse alguém. O pobre sujeito estava cheio de literatura policial e ia proceder como era costume nessas ocasiões: revistar a todos os presentes.

Rezende, o aniversário era celebrado com amizade, o colar deixava a todo o mundo embrutecido de admiração e inveja e rutulava, admirado e despertando cubigas quando, de repente, um curto circuito. A mísica para Há um murmurio de contrariedade, algumas vozes se elevam, nervosas, aqui e ali se acendem fósforos. Pouco a pouco vão surgindo criados com candelabros.

Um dos convidados, entendendo em eletricidade, se oferece: vai no quadro e examina os fuses!

— Só se existisse algum defeito na instalação. Talvez um curto-circuito geral...

— Não, olhe: a rua, neste caso, deveria estar às escusas...

— Tampouco é uma interrupção nas casas desse setor, o vizinho da frente tem uma lâmpada acesa...

— Telefonomam a central elétrica. Enquanto se espera, se conversava. De repente: paf! toda casa se iluminou.

— Gracias a Deus!

— Que sorte...

— Isto sim que é curioso — diz o tal convidado meio eletricista —, apertei o comutador, sem querer, e tudo se iluminou. Não tem nada, alguém apagou a luz expressamente...

— Um estupor corre por toda a sala. As mulheres instintivamente tocam nas suas joias. Madame Rezende dá um grito:

— Desapareceu o colar!

Um dos ouvintes interrompeu:

— Bom, é uma vulgar história policial. Desde que se fala no tal colar, sabia que ele ia desaparecer, e desse mesmo modo, com uma pressão no comutador, a casa às escusas. E' clássico. O que você quer é embrumar-nos...

— Esperem, vamos ver, a coisa é mais interessante do que parece — replicou o narrador.

Um dos convidados que era, por coincidência, autoridade policial, crê que é seu dever intervir sem tardança.

— Bom, é uma vulgar história policial. Desde que se fala no tal colar, sabia que ele ia desaparecer, e desse mesmo modo, com uma pressão no comutador, a casa às escusas. E' clássico. O que você quer é embrumar-nos...

— Esperem, vamos ver, a coisa é mais interessante do que parece — replicou o narrador.

Um dos convidados que era, por coincidência, autoridade policial, crê que é seu dever intervir sem tardança.

— Bom, é uma vulgar história policial. Desde que se fala no tal colar, sabia que ele ia desaparecer, e desse mesmo modo, com uma pressão no comutador, a casa às escusas. E' clássico. O que você quer é embrumar-nos...

— Esperem, vamos ver, a coisa é mais interessante do que parece — replicou o narrador.

Um dos convidados que era, por coincidência, autoridade policial, crê que é seu dever intervir sem tardança.

— Bom, é uma vulgar história policial. Desde que se fala no tal colar, sabia que ele ia desaparecer, e desse mesmo modo, com uma pressão no comutador, a casa às escusas. E' clássico. O que você quer é embrumar-nos...

— Esperem, vamos ver, a coisa é mais interessante do que parece — replicou o narrador.

Um dos convidados que era, por coincidência, autoridade policial, crê que é seu dever intervir sem tardança.

— Bom, é uma vulgar história policial. Desde que se fala no tal colar, sabia que ele ia desaparecer, e desse mesmo modo, com uma pressão no comutador, a casa às escusas. E' clássico. O que você quer é embrumar-nos...

— Esperem, vamos ver, a coisa é mais interessante do que parece — replicou o narrador.

Um dos convidados que era, por coincidência, autoridade policial, crê que é seu dever intervir sem tardança.

— Bom, é uma vulgar história policial. Desde que se fala no tal colar, sabia que ele ia desaparecer, e desse mesmo modo, com uma pressão no comutador, a casa às escusas. E' clássico. O que você quer é embrumar-nos...

— Esperem, vamos ver, a coisa é mais interessante do que parece — replicou o narrador.

Um dos convidados que era, por coincidência, autoridade policial, crê que é seu dever intervir sem tardança.

— Bom, é uma vulgar história policial. Desde que se fala no tal colar, sabia que ele ia desaparecer, e desse mesmo modo, com uma pressão no comutador, a casa às escusas. E' clássico. O que você quer é embrumar-nos...

Imagine-se o horror de semelhante fato, entre gente de sociedade, num ambiente esquisito! Resende, o pobre, estava vivo com aquela dupla catástrofe: perdia o colar e perdia os amigos. Quem seria capaz de voltar àquela casa depois de haver sido ignoriosamente revistado?

Num momento de lucidez reavou Resende embarcar o trabalho da polícia. O ladrão não teria a ingenuidade de guardar o objeto roubado, sendo assim inútil o exame, para ver se queria submeter os seus convidados e se a polícia entendesse de revistar os bolsos faria mesmo contra sua vontade...

Opondo-se ele, não alterava o curso dos acontecimentos e ficaria bem com todos. Chamou um homem da polícia e fez ver que não permitiria que se realizasse os seus propósitos.

— Meu querido senhor, a polícia está obrigada a intervir.

— A polícia faz o que quer, porém lá fora. Não consinto que revista a meus hóspedes. Aqui na minha casa, quem manda sou eu!

O outro ia replicar com energia, quando notou que entre os presentes, além de destacadas figuras, se encontrava ná minhas casa, quem manda mais que o ministro da Justiça?

Revistar o ministro! E revisar os outros deixando o ministro de lado, tão pouco seria possível. O infeliz suava, numa verdadeira agonia. Aquilo era atroz. A dona da casa estava estendida sobre um sofá, entre amigos, quasi desmaiada. Algumas pessoas acercaram-se da polícia oferecendo-se para que as corresse. Rezende irrompeu atropeladamente na sala, gritando: — Senhores, ninguém se aborreça, a festa continua. Mestre, faça favor, uma música qualquer! As portas que comunicavam com o salão de baile e as demais dependências da casa, estavam apinhadas de gente, atraída pelo escândalo. A ordem do dono da casa e jazz deixou ouvir sons harmoniosos. Rezende deu o exemplo, convivendo a senhora que estava mais perto, saiu dando os largos passos do fox. Outros pa-

(Continua na página 18)



Especial para  
"Nordeste"



# “Como Era Verde O Meu Vale...”

(Conclusão da 13.ª página)

Quem é o médio-direito, que pelo “geltão” parece que gosta de queimar um carvãozinho? Pela estampa bem que ele podia jogar duro. E, pela posição, dizem os entendidos que jogador de defesa que não “entra forte” — jogador “leve”, que é como eles chamam... — não dá certo não. Pelo visto, o médio e o zagueiro direitos eram bons, isto é, eram “pesados”... Pobre da ala esquerda do Varzeano...

Mas sim, como lamas disseram, o médio-direito, que pelo “geltão” aparece que gostava de queimar um carvãozinho, quem é ele? O médio-direito, meus amigos, se de-fato gostava de “beliscar” os adversários, continua na mesma linha para não quebrar o padrão e manter a tradição. O titular da ala direita, que si está ajoelhado, com o braço esquerdo descansando na perna esquerda, e com a mão direita repousando sobre o pu-

nho esquerdo, já foi deputado várias vezes e é o atual procurador dos Feitos da Fazenda: dr. Osvaldo Lima.

O médio-esquerdo foi também deputado, e tem seu nome profundamente ligado aos desportos pernambucanos, que vieram fases das mais lúmbricas nas suas gestões de presidente da entidade superior. É o conhecido advogado de nossos auditórios, dr. Carlos Rios. Que canja, o trabalho daquele engenheiro e jornalista de São Paulo, jogar de centro-médio com o apóio de asas batutas como Osvaldo Lima e Carlos Rios.

\* \* \*

No triângulo final o zagueiro esquerdo, como dissemos, era estranho. O guarda-vá, que saiu de campo sem permitir que sua metade fôsse vasada uma única vez, é Antônio Fasanaro. E o zagueiro direito, Mário Se-

vero de Albuquerque Maranhão. Dois advogados e um médico. Não era possível passar nada...

De todo o quadro somente dois elementos não podem mais recordar aquele encontro: dr. Mavinel do Prado, causídico dos mais cotados que militavam no seu tempo, e que manteve inúmeras assembleias suspensas pelo seu poder oratório; dr. Antônio Fasanaro, que faleceu há dois meses em Caruarú, depois de largos anos de clínica que lhe grangearam um largo e merecido conceito.

Juiz da peleja: Rui Gouveia, campeão pelo Sport quando o Sport tinha time pra engalanar...

Qualquer que seja o defensor do antigo quadro da Imprensa de Recife, se tiver desejo de recordar suas tardes de 1922 e fôr aos nossos campos assistir ao desenrolar de uma partida de futebol, suspirará melancólico: — “Como era verde o meu vale”...

★

## NAS LIVRARIAS:

### Biografias

A Livraria José Olympio editou a biografia do Barão do Rio Branco, escrita pelo sr. Alvaro Lins para as comemorações do 1.º centenário do nascimento daquele grande brasileiro. A edição em dois volumes foi incluída na “Coleção Documentos Brasileiros”.

★

### Traduções

“Tristes e Cartéis”, — suas origens e influências na econo-

mia mundial, em tradução do sr. Silvio Rodrigues, é apresentado pela Livraria do Globo como um assunto de atualidade que o sr. Richard Lewinsohn, especialista no assunto, escreveu. Emil Ludwig, em artigo de crítica, confessou-se discípulo de Lewinsohn em assuntos internacionais.

★

AGUARDE NO 2.º NÚMERO DE  
“NORDESTE”  
UMA REPORTAGEM SOBRE  
“O INTELECTUAL E O  
APÓS-GUERRA”

# Os Novos Modelos Para 1946 “STUDEBAKER”



**Fazendas finas e de preços baratíssimos**

## Só nas LOJAS PAULISTA

Rua Estreita do Rosário -- Rua Nova e Largo da Encruzilhada

Recife

Pernambuco

## FAZIO & FAZIO

DISTRIBUIÇÕES -- COMISSÕES

AVENIDA MARQUÉS DE OLINDA, 192

Filial - Rua Torquato Bahia - Edifício Magalhães - Bahia

Agentes em todo o Norte

Sanitas do Brasil Ltd. - Produtos Roche S. A. - Laboratório Biosintética S. A. - Laboratório Exactus Ltd. -- Química Barnel Ltd. - Instituto Vital Brasil S. A. - Laboratório Crinoseda.



O MAIS ALTO PADRÃO DO CARRO DE CLASSE MUNDIAL

# Studebaker

Único distribuidor para o Norte do Brasil

**IBRAHIM NEJAIM**

RUA IMPERIAL, 1173

Tel. 6980 -- End. Tel. IBRAHIM

RECIFE

PERNAMBUCO

VENHO falar-vos de uma história real e de gente viva que, repetidamente, tira o retrato e pinta a fisionomia dos fatos em pre-  
sença do original. Não vos cito nem vos citarei jamais autores estranhos de nomes difíceis, nem as memoráveis obras que produziram num fôr de dentro de formas estanques e padronizadas, quais milagrosas pilulas para todas as curas, as doutrinas imutáveis do seu tempo.

Ninguém que tenha a consciência do dever e a noção da sua responsabilidade pessoal, se aventureá a falar o tão delicado quanto complexo problema da inflação com a pretensão de resolvê-lo ou indicar soluções capazes de eliminar da vida das povos ou das nações.

E se hoje, para cumprir uma obrigação de rotariano em obediência à designação que me foi feita pela Comissão de Programas, ouso ocupar-me de semelhante tema, temho em mente robustecer antes a fé que sempre animou meu espírito na grandeza do futuro deste Brasil imenso, do que propriamente pretender elaborar princípios ou doutrinas tendentes a estabelecer medidas e decisões a maneira de muitos historiadores econômicos, que, com maior ou menor desenvolvimento literário, chegam a determinar as fórmulas algébricas A - B - C causadoras do mal que pretendem apontar.

E nem me seria possível, nos trágicos últimos dos 15 minutos desta palestra, desenvolver trabalho mais profundo de análises e confrontações, como era nôstir se fizesse para falarmos com uma idéia exata de que tão grave problema não nos deve, por ora, levar a temores exagerados nem a preocupações demasiadas, este que com ele se ocupa séria e ponderadamente, o Governo Nacional, como alisa de algum modo já o vem fazendo através de certas ações e medidas de elevada significação política e econômica, medidas essas que também não podem ser precipitadas nem devem ir além dos limites da maior serenidade administrativa, pois disto e disso, segundo a minha desautorizada compreensão — e mais do que de quaisquer outras causas ou motivos — depende o austramento das dificuldades ou o seu maior ou menor agravamento.

Em maio de 1944, quando num período de estagnação financeira, se falam acentuadamente as INFLAÇÕES, fui entrevistado por uma

da Publicitária do Sul (que, me parece, não sou a entrevista), e tive então oportunidade declarar que, ao invés de "inflação" o que via em nosso país era uma grande transição e ramerão da sua vida passada para um novo ciclo de maior felicidade material que iria dando a todas as classes a medida que se fosse desenvolvendo o aproveitamento das nossas riquezas em potencial. E acrescentei: E se, mas muitos o julgam, a inflação é um derrame excepcional de cédulas papel sem lastro corrente, sente em ouro ou crédito no Exterior, então aí o Brasil teve a sua moeda tão baseada quanto a vem mantendo agora, excedendo a sua

acentuação-base, quase no dobro de que é exigido pelas leis universais que regem a matéria. E afirmava mais: Mas mesmo que essa forte ação de reserva não existisse, como querem os preibições neozelandeses, este país exerce e exerce, tão fértil e tão grande que ainda agora o Ministro Jólio Alberto, fazendo descer, pela primeira vez na História, um avião da FAH lá nos confrontes do Roncador e do Rio das Mortes, nas longínquas e ignoradas regiões até então virgens do Brasil-Central, disse em telegrama dirigido ao sr. presidente da República que a "terra completamente desconhecida, vencida pelos expedicionários chefiados pelo Cel. Flaviano Vianque" representa um imenso território incorporado definitivamente à nossa pátria e que apenas as regiões atingidas, já garantiam o êxito da Colonização Pecuária.

Só agora, decorridos quase dez meses, é que natural um assunto de sua relevância, os debates continuam. E bom que se discuta e se agite em seus vários aspectos para que, com ele, nos possamos melhor familiarizar e nos habituemos a encarar-o sem carregarmos demasiado o sobreencanto e darmos à fisionomia o tático aspecto de estarmos diante de um bicho-papão que nos vai engolir de um trago.

E logo para "desabafar", esta informação recentíssima: Na edição de 11 do corrente, do "Diário de Pernambuco" éste telegrama: "Segundo dados publicados na imprensa, em 1940 existiam em circulação 5.185.000.000 de cruzeiros e em 1944 Cr\$ 11.462.000.000,00. No período de 1940 a 1944, a circulação fiduciária aumentou de 175,99% e as reservas ouro no Tesouro Nacional aumentaram de 549,71%.

Antes de outra qualquer apreciação aparentemente mais lógica, lancemos mão, desabrida e arbitrariamente, de um elemento que, ocasionalmente, tem à minha frente: Em 1940 sómente os principais Bancos sediados na praça do Recife, excluídos os estrangeiros e o Banco do Brasil, possuíam entre as rubricas de Descontos e Empréstimos, aplicada a soma de Cr\$... 101.196.000,00. Em 1944 essa soma elevava-se a quanta de Cr\$ 542.133.000,00.

A diferença para mais em quatro anos é de Cr\$ 440.937.000,00, isto é, de 438,5%.

Citei, propositalmente, este exemplo para dar elementos claros aos criticos autorizados e estudiosos honestos destes problemas, porque há que mencionar os Bancos como veículos propulsores da inflação, tese a que me oponho inteiramente, mórmone, nestas agrestes regiões do norte, onde a dureza da vida corresponde à austeridade e dignidade do trabalho comum, desatando-se a ação e o labor dos estabelecimentos bancários por uma ajuda franca e constante a todas as iniciativas louváveis, orientados por um alto sentido humano e patriótico e livres do espírito de aventura ou de descabido arrisco; e porque, no caso, estes Bancos não são emissários, não fabricam cédulas, e o dinheiro, que teve origem certa, sómente quando aplicado na indústria, na lavoura ou no comércio e tudo o que for para criar e desenvolver, é que pode gerar a riqueza. E, segundo o que me é dado entender, a quebra é fator contrário à inflação. E' através dela, da crise e do aumento da riqueza, da elevação do nível de vida e do poder

# Falsos Temores De Inflação (\*)

Jaime Ferreira dos Santos

aquisitivo do povo, e da luta contra o desperdício, que se deve procurar eliminar a inflação, ou os seus efeitos, obtendo-se o equilíbrio dos valores em giro por esses meios e nunca pela deflação, cujos males, na maioria dos casos, são muito maiores, mais graves e mais ruins que os da própria inflação.

Almíro Alcântara, técnico de finanças dos mais iluminados, a deducir da clareza e simplicidade com que aprecia e põe em equação os seus estudos, na sua "Pequena História do Papel Moeda" (REVISTA BANCÁRIA BRASILEIRA, n.º 145, edição de janeiro de 1945) dia, a respeito da inflação, em síntese, o seguinte: "Se a circulação normal e necessária for (por exemplo) de 200.000 contos de papel e o governo, por meio de retiradas parciais consecutivas, reduz-la sensivelmente, (isto é, praticar a deflação), os mesmos fenômenos (crise, depressão, baixa de preços e salários, abalo e desequilíbrio de toda a vida econômica) se realizarão porque os efeitos ruinosos das escassezes do instrumento necessário à atividade econômica se farão notar do mesmo modo e com a mesma força." E continua, adiante: "O equilíbrio representado realparecerá por duas fórmulas: 'Ou o Governo arrepende-se e restitui à circulação o que deu retirou imprudentemente, como se tem feito numerosas vezes em diversos países, inclusive o nosso, ou o Governo persevera no erro, as dificuldades aumentam dia a dia, os preços batem até um nível inferior ao custo da produção, o comércio paralisa-se, tudo enfim se abate e emporbado, tudo entra em estado de crise, tudo define e retrocede o assim, diminuindo a necessidade e a procura do numerário, chega o momento em que o equilíbrio se restabelece em nível muito inferior ao precedente, mas nesse caso é o equilíbrio da miséria e da destruição." (Art. cit. REVISTA BANCÁRIA BRASILEIRA, n.º 145).

Mas vejamos ainda um outro aspecto da circulação fiduciária atual. Arredondando-lhe mesmo para 15 milhões de contos e dividindo-lhe, por capita, pela população do Brasil (45 milhões de habitantes). Cabe a cada um o encargo de Cr\$ 333,33, o que se me anuncia positivamente baixo, face à propulsação das forças econômicas nacionais.

Isto se comprova ao considerarmos o grau a que já atingiu, tanto em volume físico como em valor, a nossa produção industrial, comercial e agrícola, o que se deve atribuir não só ao aumento do consumo interno, cuja capacidade de consumo cresce continuamente, mas também às necessidades da guerra, que determinam uma procura ascendente de certos produtos de origem vegetal, mineral e animal que o Brasil possui e fornece em alto contingente.

"A produção extraíta mineral e metalúrgica, triplicou de valor, passando de 420 milhões de cruzeiros em 1937 para 1 bilhão e 239 milhões em 1942. A produção extraíta vegetal (borracha, babassu, carão, castanha, óleica, carnaúba, etc.) teve o seu valor duplicado no mesmo período, pulando de 373 para mais de 700 milhões de cruzeiros. A matança de gado em 1939 alcançou a cifra de 519 milhões e 27 mil cabeças contra 10 milhões 519 mil em 1941 e assim por diante." (Art. cit. REVISTA BANCÁRIA BRASILEIRA, n.º 145).

Também merece destaque a posição da nossa balança de comércio exterior, cujos saídos favoráveis têm crescido animadoramente. Em 1942 importamos 4 bilhões 644 milhões de cruzeiros e exportamos 7 bilhões 495 milhões, dando-nos um saldo positivo de quase três bilhões de cruzeiros. (Art. cit. REVISTA BANCÁRIA BRASILEIRA, n.º 45).

E o que mais nos conforta quando expedimos a nossa opinião pessoal sobre este assunto de tanta magnitude brasileira, é que a não venos apenas corroborada pelos autorizados técnicos nacionais aqui citados e outros mais, também de grande saber e mérito a que não temos tempo de referir, mas principalmente porque, igualmente nos altos centros financeiros do exterior, prevê-se, não apenas por palavras mas por ações e fatos de destaque econômico, a opinião que expressam. E' o caso, por exemplo, da valorização acentuada dos títulos brasileiros contados no exterior.

A revista do Banco Português do Atlântico, pujante e acreditada organização financeira de expressão internacional, sediada num grande mercado de títulos como é a cidade do Pórtio, em Portugal, publicação de muitos anos especializada no mercado de todos os valores estrangeiros, encabeça no número de março de 1944, o seu artigo sobre o Brasil, com a seguinte frase: "Os empréstimos desse país assimilam alta de cotação." E o comentarista extrairámos apenas estes tópicos, porque o tempo urge: "Entretanto o enorme saldo de dólares vem permitindo a continuação da compra de ouro nos Estados Unidos para efeito da estabilização cambial em tal jeito que o valor do conjunto do ouro adquirido e de divisas, constituiam no penúltimo mês de 1943 a garantia de 86,6% das notas em circulação — garantia que no ano anterior era apenas de 48,3%. Esta forte posição das notas em circulação representa, como é natural, fator essencial para o estabelecimento dum sistema bancário central, também sistema fiscalizador do crédito interno recomendado pelo citado Congresso Econômico". No seu número de julho de 1944 (sendo estes os únicos exemplares que nos chegaram as mãos) diz a mesma Revista em idêntico artigo e sob o título "Os empréstimos externos continuam em boa situação no mercado": —

trial do petróleo no Brasil faltam-nos capitais, máquinas e técnicos." Há esse outro período feliz: "Precisamos agir com inteligência e aproveitar as oportunidades. As temeraros de que a cooperação dos técnicos e capitais estrangeiros possa um dia constituir ameaça à soberania do país, bastará recordar que o Brasil é uma nação adulta, com suficiente confiança em si mesma para impôr sua jurisdição e vigilância a qualquer indústria que se desenvolva dentro de suas fronteiras e que deverá ficar sob o exclusivo império das leis brasileiras." (O Económico — n.º 296 — ed. de nov. de 1944).

Não há como podermos discordar de tão justos conteúdos e úteis ensinamentos.

Neles e na sua aplicação a todos os de maiores razões da grande produtividade a que precisamos e podemos atingir, encontramos incentivo para robustecer os anseios de fé na grandeza do Brasil, como de inicio vos falei.

E já que nos referimos ao petróleo, oportuno é falar também de outro problema a ele equivalente na sua grandiosidade e naquilo que também virá representar como fator permanente de riqueza, de prosperidade e de economia para a vida da nação e meu especialmente para o escoamento, progresso e bem estar de todo o nordeste brasileiro: E' o aproveitamento do potencial hidráulico de Paulo Afonso.

Fara não exceder por mais tempo o prazo que me é permitido, citarei apenas uma opinião abalizada de alta patente do nosso Exército o sr. general Valentim Benício, ao falar ultimamente, por ocasião de uma homenagem ao ministro da Agricultura, que tanto interesse vem demonstrando pela rápida consecução diste notável empreendimento: "Ninguém poderá compreender a enormidade da obra que surgiu de Paulo Afonso industrializado, sem haver antes computado cifras que se alinharam exprimindo a lamentável pobreza que ela se propôs transmudar em promissora riqueza."

E outro trécho, tendo aludido à importância estratégica da região e demonstrado que o capital empregado voltaria multiplicado em prazo restrito: "Da convergência de suas energias, caprichosamente instalada na confluência de quatro Estados (Pernambuco, Bahia, Sergipe e Alagoas) irradiam natural e impessoalmente linhas de força que irão alcançar, em centenas de quilômetros de raio, mais outros Estados próximos. E muito mais longe irão, ao longo das vias férreas, eletrificadas, as energias domadas em Paulo Afonso e orientadas nos quatro ventos em giro de horizonte de 360° com raio limitado em outros empreendimentos que lhe vierem estender novos braços, em ilimitada área de progresso pelo Brasil imenso, transpondo fronteira, prolongando-se em novas forças que do exterior se lhe venham somar, em nobre empenho de colaboração internacional, unindo povos, confundindo em um mesmo amplo, civilizações, religiões, nacionalidades, idiomas, interesses americanos que se completam em comum consórcio. E a hulha branca fará nascer fábricas, multiplicar indústrias, enriquecer os parques de produção, fará surgir pequenos núcleos que se transformarão em povoados, cidades."

Outros aspectos importantes de palpável vitalidade brasileira, poderiam ser citados concretamente para demonstrar que são por enquanto falsos ou pelo menos prematuros os temores da inflação! O esplanalto desse terrível mal não está ainda, e felizmente, forçando os alicerces do grande monumento que o Brasil vai construindo para segurança do seu futuro econômico e garantia do seu prestígio político.

Isto preocupa, sim, e preocupa cada vez

mais aqueles países que já atingiram a meta

de sua capacidade de expansão, — a super-exp

loração de tudo o que possuem, obrigando-os

os países de periferia a sub-estimado ou previsto com menos realidade.

Mas o panorama que se apresenta ao cenário brasileiro é diferente. E' um panorama de trabalho, não há dúvida; porém, trabalho também significa riqueza; enquanto outros povos se vêm braços em giro de horizonte de 360° com raio limitado em outros empreendimentos que se acham de não terem trabalho para oferecer, mesmo em épocas normais, nós aqui, graças a Deus, precisamos sempre de maior número de braços e de cérebros, que se dedicam ao labor recundo e construtor do nosso promissor futuro. Será um trabalho duro e penoso aquele que temos diante de nós para realizar e a sua execução custará certamente muitos esforços e talvez sacrifícios de natureza material para esta e para a geração vindoura. Contudo, se permitirem os propósitos do Governo no tocante de obras planejadas e em vias de andamento, — e a nos resta confiar na sua palavra e no seu patriotismo — então poderemos, desde logo, descontar no fundo da larga estrada a percorrer, o rumo certo, a aurora redentora da Felicidade do Povo brasileiro.

(\*) — Conferência pronunciada em uma das sessões semanais do Rotary Clube de Recife, na capital pernambucana.

Preço deste  
exemplar:  
CR\$ 2,00

Adiante insiste: "Para a exploração indus-